



Universidade de Brasília

Faculdade de Administração, Contabilidade, Economia e Gestão de
Políticas Públicas

Departamento de Economia

Características e Fatores Determinantes dos Jovens que não Estudam e nem Trabalham no Brasil

Rafael Silva Matos

Orientadora

Prof. Maria Eduarda Tannuri Pianto

Brasília

2023

Rafael Silva Matos

Características e Fatores Determinantes dos Jovens que não Estudam e nem Trabalham no Brasil

Um Estudo sobre Estrutura Econômica e Mercado de Trabalho: Uma análise de acordo com dados da PNAD em 2023

Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Administração, Contabilidade, Economia e Gestão de Políticas Públicas

Graduação

Orientador: Prof. Maria Eduarda Tannuri Pianto

Brasília

2023

Rafael Silva Matos

Características e Fatores Determinantes dos Jovens que não Estudam e nem Trabalham no Brasil/ Rafael Silva Matos. – Brasília, 2023-
45 p. : il. (algumas color.) ; 30 cm.

Orientador: Prof. Maria Eduarda Tannuri Pianto

– Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Administração, Contabilidade, Economia e Gestão de Políticas Públicas

Graduação, 2023.

1. Jovens. 2. Nem-Nem. 3. Características. 4. Brasil. 5. Capital Humano. 6. Produtividade. 7. Mercado de Trabalho. 8. PNAD. I. Orientador:Prof. Maria Eduarda Tannuri Pianto. II. Universidade de Brasília. III. Faculdade de Administração, Contabilidade, Economia e Gestão de Políticas Públicas. IV. Título:Características e Fatores Determinantes dos Jovens que não Estudam e nem Trabalham no Brasil

Rafael Silva Matos

Características e Fatores Determinantes dos Jovens que não Estudam e nem Trabalham no Brasil

Um Estudo sobre Estrutura Econômica e Mercado de Trabalho: Uma análise de acordo com dados da PNAD em 2023

Brasília, 5 de dezembro de 2023

Prof. Maria Eduarda Tannuri Pianto
Orientadora

Geovana Lorena Bertussi
Professora Convidada

Brasília
2023

Agradecimentos

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram para a conclusão deste trabalho. Agradeço imensamente aos professores que, com sua inspiração magnífica, foram fundamentais para meu contínuo aprendizado.

Minha sincera gratidão também se estende aos meus familiares, que acreditaram no meu potencial. Agradeço especialmente à minha mãe, meu tio, meu pai, minhas irmãs e minha namorada, que demonstraram paciência e cuidado ao longo de todo o processo de elaboração deste trabalho.

Por fim, expresso minha gratidão a mim mesmo. Acreditar que tudo é possível foi fundamental para alcançar este momento. Estou ansioso para novos desafios e conquistas no futuro. Este é apenas um primeiro passo na minha carreira acadêmica, e espero que traga grandes frutos.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compreender as características predominantes dos jovens que não estudam e não trabalham no Brasil, buscando entender como essas características, que são prevalentes no cenário brasileiro, afetam a probabilidade de pertencer a essa categoria.

O primeiro capítulo aborda a teoria do capital humano, fundamental para compreender os estímulos que impulsionam os jovens a aprimorar seu capital humano. Os principais fatores determinantes desse estímulo incluem conceitos como mudanças na expectativa de vida, melhores perspectivas de renda ao longo do tempo, acesso ao mercado de capitais, risco e liquidez.

No segundo capítulo, realiza-se uma análise da conjuntura social desses jovens, utilizando dados da PNAD Contínua para examinar suas características em 2022. Isso se faz necessário, pois apenas a abordagem da teoria do capital humano não é suficiente para abranger todo o estudo sobre esses jovens. Aspectos como força de trabalho, educação, gênero, regionalidade, renda, idade e raça são abordados para proporcionar essa complementaridade. Destaca-se que as diferenças de gênero são as mais relevantes e impactantes nessa situação, com as mulheres sendo as mais afetadas.

O terceiro e último capítulo concentra-se na estimativa de um modelo de regressão logística multinomial. Esse modelo busca identificar as principais características que impactam a situação "nem-nem", ou seja, os fatores que aumentam a probabilidade de ser "nem-nem". Os resultados indicam que as mulheres têm uma maior probabilidade de estar nessa situação, mesmo controlando por cuidados familiares. Além disso, em domicílios cujo chefe recebe bolsa-família, observa-se uma redução na chance de ter jovens sem estudar e sem trabalhar. No entanto, à medida que esse jovem cresce, aumenta também a probabilidade de se tornar "nem-nem".

Palavras-chaves: Nem-nem; Características; Jovens; PNAD Contínua; Regressão Multinomial; Bolsa-família.

Abstract

This paper aims to comprehend the prevailing characteristics of young individuals who are NEET (Not in Education, Employment, or Training) in Brazil, seeking to understand how these prevalent traits in the Brazilian scenario impact the likelihood of belonging to this category.

The first chapter delves into the theory of human capital, crucial for understanding the stimuli that drive young people to enhance their human capital. The primary determinants of this incentive include concepts such as changes in life expectancy, improved income expectations over time, access to the capital market, risk, and liquidity.

In the second chapter, an analysis of the social context of these NEET individuals is conducted, utilizing data from the Continuous PNAD to examine their characteristics in 2022. This is necessary as the approach taken by the human capital theory alone is insufficient to encompass the entire study of these youth. Aspects such as the workforce, education, gender, regional differences, income, age, and race are addressed to provide this complementary perspective, with gender differences being the most relevant and impactful in this situation, affecting women more significantly.

The third and final chapter focuses on estimating a multinomial logistic regression model. This model aims to identify the main characteristics that impact the NEET situation, i.e., the factors that increase the likelihood of being NEET. The main results indicate that women have a higher probability of being in this situation, even when controlling for family care. Additionally, in households where the head receives family assistance, there is a reduction in the chance of having NEET young individuals. However, as these young individuals grow older, the likelihood of becoming NEET also increases.

Keywords: NEET; Characteristics; PNAD Contínua; Multinomial Regression.

Lista de ilustrações

Figura 1 – Retornos ao longo do tempo	14
Figura 2 – Divisões da Força de Trabalho	18
Figura 3 – Composição por Anos de Estudo	23
Figura 4 – Níveis de Educação do Chefe de Família	23
Figura 5 – Regiões com Nem-Nem	24
Figura 6 – Regiões com Nem-Nem	25
Figura 7 – Renda Domiciliar	28
Figura 8 – Bolsa Família	28
Figura 9 – Evolução das Características por Idade	29
Figura 10 – Desagregação por Raça	30
Figura 11 – Gráfico da Curva Logística	31

Lista de tabelas

Tabela 1 – Subcategorias de jovens sem estudar e sem trabalhar	16
Tabela 2 – Estrutura Populacional de Jovens entre 15 e 29 anos	19
Tabela 3 – Composição populacional de jovens em situação "nem-nem"	21
Tabela 4 – Ranking de "nem-nem" por Estado	26
Tabela 5 – Variáveis de Interesse	32
Tabela 6 – Modelo de Regressão Multinomial	35
Tabela 7 – Efeitos Marginais Médios - OR	38
Tabela 8 – Variáveis de Interesse	39
Tabela 9 – Modelo Ajustado	40
Tabela 10 – Efeitos Marginais (OR) - Modelo Ajustado	42

Sumário

1	Capital Humano	12
1.1	Produção de Capital Humano	12
1.2	Estoque de Capital Humano	13
1.3	Estímulos ao Investimento	14
2	Conjuntura Social	15
2.1	Cenário Conjuntural	19
2.1.1	Força de Trabalho	19
2.1.2	Educação	22
2.1.3	Regionalidade	24
2.1.4	Renda	26
2.1.5	Idade	28
2.1.6	Raça	30
3	Estimação	31
3.1	Regressão Logística Multinomial	31
3.2	Modelagem	32
3.2.1	Plano Amostral	32
3.2.2	Discussões	32
3.3	Efeitos Parciais	36
3.4	Modelo Ajustado	38
4	Conclusão	43
	REFERÊNCIAS	44

Introdução

Os jovens "nem-nem", conforme definido por [Tillmann e Comim \(2016\)](#), são aqueles com idades entre 15 e 29 anos que não estão estudando e nem trabalhando. Esse termo é uma variação da sigla NEET (Not in Education, Employment or Training), que surgiu na Inglaterra nos anos 90. No entanto, a expressão em português adquiriu um tom pejorativo, sugerindo que esses jovens são ociosos e estão nessa situação por escolha própria ([MARLI; BRACCO, 2019](#)). Portanto, a partir de agora, será utilizada uma linguagem mais técnica e menos depreciativa ao se referir a esse grupo, ressaltando que essa é uma situação em que os jovens se *encontram* e não como os definem, pois tais termos pejorativos prejudicam a imagem do indivíduo, transmitindo a ideia de que não querem trabalhar ou estudar, o que dificulta a implementação de políticas públicas voltadas a esse público. Uma forma mais cuidadosa ao se referir à esses jovens é como "jovens sem trabalho e sem estudo", ou simplesmente "sem-sem", que enfatiza essa falta de trabalho e estudo.

Segundo [Cardoso \(2013\)](#), o grupo de jovens é influenciado pela conjunção de dois fatores principais: contextos de inserção social (sistema escolar, familiar e mercado de trabalho) e trajetórias individuais (produção de capital humano). No caso do Brasil, esses fatores estabelecem uma situação estrutural para esses jovens, diferentemente de outros países, onde a persistência da condição "nem-nem" não é apenas cíclica, mas crônica, refletindo a dinâmica econômica e social específica do Brasil. Para compreender essa dinâmica duradoura, exploraremos os fatores sociais e individuais para analisar as características intrínsecas à realidade brasileira.

No primeiro capítulo, abordaremos como a teoria do capital humano trata dos incentivos para os jovens em termos de trajetórias individuais. Buscaremos entender como a educação e uma formação profissional mais sólida impactam as remunerações futuras desses jovens. Discutiremos mudanças nas expectativas de vida, incentivando os jovens a se especializarem mais, dado o prolongamento do período de desfrute dessas remunerações mais elevadas. Consideraremos também as diferenças salariais geradas pelas novas tecnologias e questões de risco e liquidez, que podem tanto aumentar quanto reduzir os incentivos à especialização. Além disso, examinaremos o acesso ao mercado de capitais, destacando sua importância para incentivar jovens de baixa renda a buscar programas de especialização (faculdades, ensino técnico, etc.).

No segundo capítulo, discutiremos contextos de inserção social, uma vez que a teoria do capital humano não consegue abordar eficazmente toda a conjuntura que envolve esses jovens. Trataremos de questões como o mercado de trabalho, escolaridade, regionalidade, renda, raça, gênero, entre outras, que afetam diretamente a situação desses jovens sem

estudar e sem trabalhar, sendo um dos principais resultados descritos em torno de situações de gênero e regionalidade.

Após essas contextualizações para o cenário brasileiro, realizaremos uma estimação probabilística no terceiro capítulo por meio do estimador Logit Multinomial, a fim de verificar quais são as principais características que afetam e influenciam a chance de um jovem se tornar "nem-nem". Logo vemos que a política de assistência do bolsa-família não elimina em totalidade a chance de haver jovens "nem-nem" em domicílios beneficiários. Por fim, discutiremos esses resultados, sempre contextualizando com as características abordadas nos capítulos anteriores.

Assim sendo, o objetivo central deste estudo é compreender como as características intrínsecas dos jovens brasileiros impactam de maneira estrutural sua situação, envolvendo a não participação no mercado de trabalho junto a falta de ampliação da capacitação. Essa análise visa identificar os fatores mais relevantes, oferecendo análises desagregadas que são valiosos para a implementação eficaz de políticas direcionadas as especificidades existentes nesse grupo. Embora este estudo não esgote todas as possibilidades de discussão sobre o tema, ele fornece uma orientação norteadora sobre os principais fatores que contribuem para a significativa proporção de jovens "nem-nem" no Brasil.

1 Capital Humano

A teoria do capital humano, que teve como precursores Theodore W. Schultz e Gary Becker ([MONTEIRO, 2013](#)), busca entender como a educação e a melhor formação dos trabalhadores impacta as remunerações futuras. Para esta teoria neoclássica do trabalho, em um mercado competitivo, a remuneração do trabalho será igual à produtividade do trabalhador. Esta produtividade reflete um total produzido em um determinado intervalo de tempo e quanto menor for o tempo necessário para esta mesma confecção, mais produtivo será o trabalhador. Ademais, fatores como escolaridade e treinamento técnico aumentam o potencial de produção do trabalhador. Há, portanto, um grande incentivo para jovens investirem esforços nestes fatores, uma vez que estes afetam diretamente seu nível de renda futura e quanto mais cedo for esse investimento, a fim de aumentar seu estoque de capital, mais vantajoso será para esse jovem ([BECKER, 1962](#)).

Neste parágrafo foi relatado uma certa intuição de como funciona esse mecanismo de produtividade e produção de capital humano, nos próximos os conceitos serão melhor explicados para que se possa entender as nuances desta vertente do pensamento neoclássico.

1.1 Produção de Capital Humano

Segundo Schultz, o capital humano é a aquisição das habilidades e conhecimentos úteis, que são parte do investimento deliberado, e que portanto, pode ser acumulado ao longo do tempo a fim de aumentar a produtividade do trabalho, no caso a modernização da agricultura, sua área de pesquisa ([SCHULTZ, 1961](#)). Esse trabalho foi ampliado por Becker, em que esse determinado conhecimento, o capital humano, foi separado em dois: o geral, que tem um valor mais amplo sobre vários empregos; e o específico, que é inerente a uma só empresa ([BECKER, 1962](#)).

Becker afirma que o capital geral é aquele adquirido na escola ou em treinamentos no próprio trabalho, mas que representam habilidades que não estão especificamente ligadas a uma só empresa e portanto, pode ser transferido para outra sem perdas significativas de valor. Já o específico se relaciona à estrutura organizacional e produtiva da empresa, em que, caso o contrato de trabalho seja rescindido, o valor deste capital humano é perdido e a empresa deve custear um novo investimento para que a produtividade permaneça constante. Essa distinção é importante para Becker inferir que empresas não têm incentivo suficiente para investir no capital geral do trabalhador, uma vez que esse aumento de produtividade pode ser transferido para uma outra empresa. Porém, no caso do treinamento específico, as empresas são incentivadas a realizar esse investimento, tendo em vista o aumento da produtividade em sua cadeia de produção, e também a conservação do salário do trabalhador com relação ao mercado competitivo, já que a produtividade geral permaneceu constante dado o aumento apenas na empresa que realizou o treinamento ([BECKER,](#)

1962).

Além disso, há outras formas de investir em capital humano, que segundo Schultz (1961) podem ser realizadas por meio de gastos em saúde, alimentação e migração. O sentido destas formas de investimento é o da satisfação individual, visto que pessoas mais satisfeitas têm uma produtividade maior. Para gastos em saúde e alimentação a intuição é simples, já que pessoas saudáveis e saciadas terão naturalmente uma maior produtividade em comparação com pessoas doentes e famintas. No caso da migração, esse aumento de produtividade decorre do deslocamento do trabalhador para uma localidade que tenha uma maior oportunidade de emprego naquela área de conhecimento específica, o que gera uma maior produtividade e retornos maiores que seu local de origem.

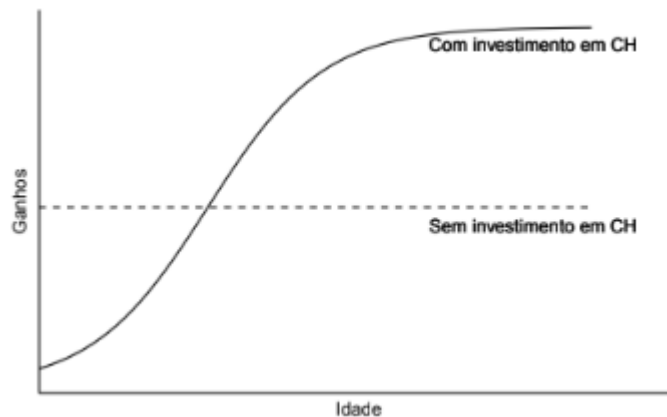
1.2 Estoque de Capital Humano

Para produzir capital humano é necessário investir, independente da forma e tipo do investimento, os insumos são basicamente os mesmos: custo de oportunidade e despesas financeiras. O custo de oportunidade se relaciona aos ganhos potenciais que o indivíduo deixa de receber para que ele possa se dedicar aos estudos, ou seja, uma escolha entre estudar ou trabalhar. Já os custos financeiros são aqueles relacionados à permanência do jovem na instituição de ensino ou de treinamento, assim como: mensalidade, alimentação, dentre outras despesas que são essenciais para a continuidade do processo de capacitação.

Esses fatores são essenciais para verificar as motivações do jovem em se capacitar, já que, caso o jovem, por exemplo, não tenha condições para arcar com essas despesas financeiras da capacitação, ele vai preferir trabalhar à investir em capacitação. Becker argumenta que o investimento em capital humano determina uma renúncia de renda corrente para uma expectativa de maior renda futura e que essa perda de renda presente pode ser um fator que impossibilita pessoas mais pobres de se capacitarem por muito tempo, fazendo com que elas entrem no mercado de trabalho de maneira “precoce”, obtendo retornos maiores em um primeiro momento, mas inferiores ao longo do tempo se comparados com aqueles que têm um maior estoque de habilidades e treinamentos (BECKER, 1962).

O gráfico 1 representa as diferenças entre os retornos ao longo do tempo de quem investe em capital humano, dos que mantêm o mesmo nível de capacitação e produtividade. Isso explicita a tese de Becker que em um primeiro momento ($t = 0$), parte da renda da pessoa que investe em capital humano é renunciada para o custeio dos insumos necessários ao seu objetivo, mas que, ao longo do tempo, sua renda se torna maior. Ela se torna menos inclinada ao longo do tempo por conta da depreciação do estoque de capital humano, que estabiliza os retornos financeiros, mas ainda assim, em uma área acima daqueles que não fizeram nenhum tipo de investimento. Já no caso de quem não investiu em especialização,

Figura 1 – Retornos ao longo do tempo



Fonte: (MURTADHA, 2021)

há uma estagnação dos retornos financeiros devido à baixa produtividade.

1.3 Estímulos ao Investimento

Existem alguns fatores que incentivam os jovens a investirem em sua especialização e treinamento e Becker indica alguns deles, como: mudanças de expectativa de vida, diferenças salariais, risco e liquidez e, por fim, mercado de capitais (BECKER, 1962).

O primeiro fator, o de mudanças de expectativas de vida, gera um grande estímulo à qualificação, tendo em vista um maior tempo de aproveitamento dos rendimentos, ou seja, jovens que têm uma perspectiva de vida maior, tendem a investir mais em sua educação. O segundo fator marca o incentivo por meio das diferenças salariais geradas pelo desenvolvimento tecnológico, pois há um desequilíbrio salarial em serviços que demandam mais tecnologia, os serviços mais especializados.

Becker também faz uma análise de risco e liquidez sobre o investimento em capital humano, argumentando que, como em qualquer tipo de investimento, a relação entre risco e retorno e a necessidade de liquidez vão influenciar na decisão de se qualificar ou não. E, por último, o mercado de capitais, em que quanto maior a restrição de crédito, menor vai ser a propensão a investir em qualificação, treinamento e educação.

Em resumo, para Becker, a ampliação de capital humano surge principalmente de incentivos individuais e do caráter maximizador do indivíduo. Nessas perspectivas, é necessário que o trabalhador, neste caso, o jovem, busque formas de custear seus próprios estudos, treinamentos e bem estar, dado uma análise de fatores como renda, risco ou acesso ao mercado de capitais. Essa noção pode ser um norteador do caso brasileiro, já que o acesso da população mais pobre ao mercado de capitais é restrito, além da óbvia limitação orçamentária que possibilitasse o custeio a investimentos.

Essa teoria é relevante ao estudar jovens "nem-nem", pois oferece parâmetros cruciais

para compreender os incentivos individuais que levam os jovens a buscar especialização. No entanto, ela apresenta limitações ao assumir que os agentes são homogêneos e maximizam o bem-estar, tornando-se uma teoria determinística e irreal da sociedade. Assim, é necessária uma complementação por meio da contextualização do meio social no qual o jovem está inserido. Portanto, embora seja uma teoria interessante para compreender as possíveis motivações individuais que influenciam os incentivos para a busca de capacitação, ela não é necessariamente aplicável ao contexto brasileiro. Para uma representação mais próxima da realidade, é fundamental uma análise do contexto social e familiar para compreender o caráter estrutural do fenômeno "nem-nem" na economia brasileira.

2 Conjuntura Social

Segundo [Jaccoud e Rochet \(2009\)](#), o tema da vulnerabilidade dos jovens está ganhando destaque nos debates públicos. Os jovens em situação de vulnerabilidade representam um desafio significativo para a sociedade, pois essa vulnerabilidade está associada a perdas que afetam não apenas os indivíduos, mas também a sociedade como um todo, contribuindo para questões como violência e aumento da desigualdade social. Essa vulnerabilidade está relacionada a riscos sociais e às condições em que esses riscos ocorrem, em que quanto maior o estado de vulnerabilidade, maior a exposição a esses riscos sociais.

Ainda de acordo com [Jaccoud e Rochet \(2009\)](#), os riscos sociais podem ser entendidos como eventos que levam a privações e prejuízos para os indivíduos, não se limitando apenas à pobreza, mas abrangendo também questões como desemprego e dificuldades de inserção no mercado de trabalho, entre outros. Portanto, ao abordar a questão dos jovens 'nem-nem', é essencial considerar não apenas os aspectos teóricos e de incentivos, como os propostos pela teoria do capital humano, mas também examinar os aspectos sociais e contextuais para uma análise mais crítica e próxima da realidade.

Ao analisar a conjuntura social que os jovens estão inseridos, é preciso tratar em primeira mão das especificidades deste grupo "nem-nem", uma vez que há diversos contextos e vulnerabilidades dentro deste mesmo grupo. [Rocha et al. \(2021\)](#) aborda subcategorias desses jovens a partir de propostas anteriores de [Mascherini \(2019\)](#), e que são separados com relação ao nível de vulnerabilidade de cada subgrupo. Essa subdivisão é interessante pois torna o estudo mais efetivo na análise das características do fenômeno.

A tabela 1 apresenta uma categorização que subdivide o grupo da seguinte maneira:

1. Das sete subcategorias, três integram o mercado de trabalho (força de trabalho) por serem consideradas situações de desemprego¹, sendo elas: (1) *Reentrantes*; (2)

¹ Segundo o IBGE, o desemprego se refere às pessoas com idade para trabalhar (acima de 14 anos) que não estão trabalhando, mas estão disponíveis e tentam encontrar trabalho.

Desempregados de Curto Prazo; (3) Desempregados de longo Prazo;

2. Três subcategorias são consideradas não integrantes da força de trabalho², sendo elas: (1) *Indisponível por problemas de saúde ou incapacidade*; (2) *Responsabilidades familiares*; (3) *Desencorajados*³;
3. A subcategoria *Outros inativos* engloba um composto de situações de pouca identificação, podendo conter tanto jovens inativos voluntários quanto inativos involuntários.

Tabela 1 – Subcategorias de jovens sem estudar e sem trabalhar

Subcategoria	Definição	Vulnerabilidade
Reentrantes	Jovens que logo voltarão ao emprego, à educação ou à capacitação e retomarão a acumulação de capital humano por meio de canais formais. São pessoas que já foram contratadas ou estiveram matriculadas em escolas formais ou de formação profissional e pretendem começar a trabalhar em breve.	Baixa
Desempregados de Curto Prazo	Jovens Desempregados há menos de um ano que procuram trabalho	Média
Desempregados de longo prazo	Jovens desempregados há mais de um ano que procuram trabalho.	Muito alta
Indisponível por problemas de saúde ou incapacidade	Jovens que não procuram trabalho ou não estão disponíveis para trabalhar por problemas de saúde ou incapacidade.	Muito alta
Indisponível por responsabilidades familiares	Jovens que não procuram trabalho ou não estão disponíveis para trabalhar por que cuidam de crianças ou adultos incapacitados ou têm outras responsabilidades familiares menos específicas.	Alta
Trabalhadores desencorajados	Jovens que pararam de procurar trabalho por que acreditam que não há oportunidades de emprego para eles.	Muito alta
Outros inativos	Jovens que não especificaram nenhum motivo para estar "nem-nem". Pode incluir jovens mais difíceis de alcançar, mais vulneráveis, mais privilegiados ou que estão seguindo caminhos alternativos.	Muito variada

Fonte: (ROCHA et al., 2021). Com adaptações.

De acordo com Rocha et al. (2021), as subcategorias apresentam vulnerabilidades que variam de acordo com o tempo que os jovens permanecem na situação "nem-nem", portanto quanto maior o tempo nessa circunstância, maior vulnerabilidade esse jovem estará vivenciando. Desses, a subcategoria *reentrantes* apresenta o menor nível de vulnerabilidade, já que estão em um período de desocupação muito breve, decorrente de uma fase transitória em vias de iniciar um contrato de trabalho ou de retomar os estudos. Assim sendo, os *desempregados de curto prazo* têm uma exposição maior que em relação à categoria anterior,

² Para o IBGE, pessoas fora da força de trabalho são aqueles que não estavam ocupadas nem desocupadas na semana de referência, portanto pessoas que não procuraram emprego no período de referência.

³ Não procuram mais empregos por razões de insucessos na atividade trabalhista.

tendo em vista o maior tempo de desocupação, que embora seja um período inferior a um ano, ainda necessitam de assistência familiar ou de benefícios de seguridade social a fim de manter um certo nível de sustento. Por fim, dentre as subcategorias em situação de desemprego, os que se encontram mais vulneráveis são aqueles *desempregados no longo prazo*, pois estão em um elevado risco de exclusão social. (ROCHA et al., 2021).

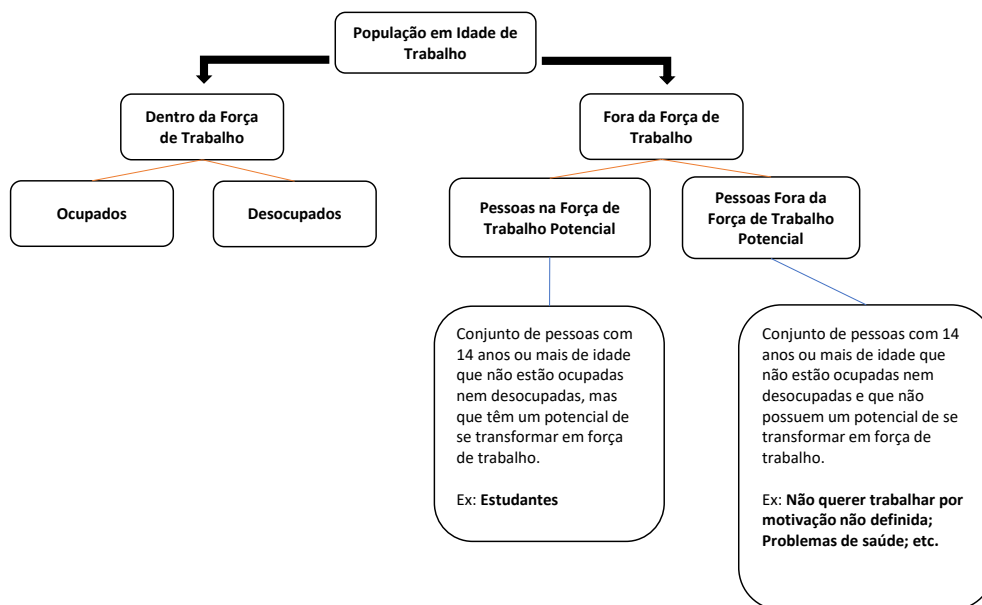
As subcategorias do grupo de pessoas fora da força de trabalho estão definidas por indivíduos que não procuram mais emprego por diversas razões, dentre elas as *indisponíveis por problemas de saúde ou incapacidade* estão impossibilitadas de realizar atividades remuneradas até que se recuperem, e por isso se tornam muito dependentes da assistência familiar e/ou governamental e, por essa razão, se encontram em um nível de vulnerabilidade muito alta, já que caso não disponham dessa rede de apoio doméstico/assistencial, elas não conseguirão se manter a um nível mínimo de subsistência. No caso dos jovens *indisponíveis por responsabilidades familiares*, eles têm uma vulnerabilidade alta devido à difícil reentrada no mercado de trabalho e educação, pois estes necessitam de apoio governamental⁴ por meio de serviços públicos (creches, unidades de acolhimento para idosos, dentre outros) para que as crianças ou idosos das quais cuidam fiquem resguardadas para que o retorno à educação ou trabalho sejam possíveis. É importante salientar que a maioria dos jovens nesta categoria de cuidados são mulheres. Isso se deve, em grande parte, ao papel social que historicamente as designa como cuidadoras, tornando-as mais suscetíveis a essa situação. Por outro lado, os *desencorajados* enfrentam um alto nível de vulnerabilidade devido à sua grande dependência de apoio familiar ou assistência, que pode persistir no futuro, uma vez que não têm meios financeiramente sustentáveis para se manterem ao longo do tempo. Essas pessoas não acreditam na existência de oportunidades de emprego para elas, uma vez que enfrentaram diversas recusas durante a sua tentativa de ingresso no mercado de trabalho. Por fim, os *outros inativos* são jovens que têm várias razões para permanecerem nessa condição sem emprego ou estudo. Portanto, não é possível determinar com precisão o nível de vulnerabilidade desse grupo, pois suas circunstâncias podem variar, incluindo tanto aqueles com alta vulnerabilidade quanto aqueles que optaram por seguir outros caminhos.

Em complemento à Tabela 1, conforme a classificação do IBGE representada na Figura 2, a força de trabalho é dividida em diferentes categorias. Os jovens "nem-nem" são classificados como fora da força de trabalho, mas podem ser subdivididos em duas categorias: aqueles que fazem parte da força de trabalho potencial e aqueles que estão fora dela. Isso ocorre porque uma parte desses jovens, embora não esteja empregada nem estudando, ainda está disponível em algum nível para o trabalho, enquadrando-se

⁴ Outra alternativa seria pagar por esses serviços com recursos próprios; no entanto, para a maioria da população, essa opção é inatingível devido à falta de recursos financeiros para cobrir os custos dos cuidados familiares. Como resultado, os jovens nessa situação muitas vezes se veem obrigados a abandonar suas carreiras em prol do cuidado familiar.

na categoria de força de trabalho potencial. Por outro lado, aqueles que estão fora da força de trabalho podem enfrentar questões como desencorajamento, problemas de saúde, responsabilidades familiares, entre outros motivos.

Figura 2 – Divisões da Força de Trabalho



Fonte: IBGE. Adaptado

2.1 Cenário Conjuntural

Podemos aplicar as definições mencionadas acima ao contexto brasileiro utilizando dados da PNAD Contínua do ano de 2022, descrevendo tanto a proporção de jovens que não estão estudando nem trabalhando quanto sua composição. A tabela 2 demonstra o percentual populacional de jovens entre 15 e 29 anos separados nas categorias: estuda; trabalha; estuda e trabalha; não estuda e não trabalha. A maior proporção é a de jovens que apenas trabalham, equivalendo a 41,3% dessa população; em segundo lugar aqueles que apenas estudam, com 23,9%, logo após aqueles que não estudam e não trabalham, tendo uma proporção de 22,3%, e por último aqueles que estudam e trabalham, com 12,4% da população.

Tabela 2 – Estrutura Populacional de Jovens entre 15 e 29 anos

Situação	% Populacional
Estuda	23,9%
Trabalha	41,3%
Estuda e Trabalha	12,4%
Não estuda e não trabalha	22,3%
Total	100%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da PNAD Contínua, 2022.

Abaixo, será realizado um recorte por questões como renda, regionalidade, educação, entre outras, que influenciam os jovens a se encontrarem na situação nem-nem. Além disso, será sempre feito um recorte por sexo. De acordo com (CORREIA; TEIXEIRA,), as mulheres representam o grupo com maior predominância na categoria de jovens sem estudar e sem trabalhar, principalmente devido a fatores como gestação, casamento precoce na adolescência e nos primeiros anos da vida adulta, além de imposições sociais, como responsabilidades de cuidar de filhos e familiares, entre outras. Portanto, uma vez que as mulheres são as mais afetadas por essa situação, haverá sempre uma análise complementar por sexo a partir das questões abordadas a seguir.

2.1.1 Força de Trabalho

A tabela 3 apresenta a composição dos jovens com idades entre 15 e 29 anos, analisando segmentações por idade/sexo e comparando os que estão dentro da força de trabalho com os que estão fora dessa força. Dentre aqueles em situação ‘nem-nem’, apenas 34,1% fazem parte da força de trabalho, ou seja, jovens que têm um maior potencial de ingressar no mercado de trabalho devido a procura ativa de emprego. Destes, 16% são reentrantes, 43% são desempregados de curto prazo e 40% são desempregados de longo

prazo.⁵ Em conjunto, os grupos de desempregados de curto e longo prazo compõem a maior parte da população em situação 'nem-nem' em 2022.

Por outro lado, fora da força de trabalho (representando 65,9% da população 'nem-nem'), a maior parte decorre do abandono devido a responsabilidades familiares, que representa 55% desta população. Em segundo lugar, temos aqueles que estão afastados por motivos de saúde ou gravidez, especialmente no caso das mulheres, seguidos pelos desencorajados⁶, que compõem 13% da população. Além disso temos uma categoria que nos revela a população que se acha muito jovem para trabalhar mas que ainda assim não estudam, correspondendo a um nível de 3%. Por fim, temos os 'outros motivos', como explicado anteriormente, que englobam uma variedade de razões e podem estar associados a níveis variáveis de vulnerabilidade, os quais não são claramente determinados, representando aproximadamente 5% da população.

Dentre as categorias de gênero, observamos uma maior proporção de homens na força de trabalho em comparação com as mulheres, representando 43,3% e 29,0%, respectivamente. É interessante notar que os homens têm uma presença mais significativa como reentrantes e desempregados de curto prazo em comparação com as mulheres, estas apresentando uma proporção maior apenas no desemprego de longo prazo, em um total de 46%. Isso sugere que as mulheres, em média, enfrentam uma vulnerabilidade maior devido a um período mais longo de desemprego, apesar dos homens estarem dentre os mais desencorajados.

Agora, considerando aqueles que estão fora da força de trabalho, assim como previsto, observamos uma proporção maior de mulheres nessa categoria, predominantemente devido a problemas de saúde/gravidez e responsabilidades familiares, correspondendo a aproximadamente 86% do total das mulheres fora da força potencial. Por outro lado, a maioria dos homens está nessa situação devido ao desencorajamento e problemas de saúde⁷, representando aproximadamente 72% em conjunto. Logo, há uma tendência maior das mulheres abandonarem sua carreira devido as responsabilidades familiares e gravidez, enquanto os homens, em sua maioria, abandonam por conta de problemas de saúde,

⁵ As estimativas foram realizadas com base nos seguintes critérios - Reentrantes: pessoas que já foram contratadas mas estão aguardando os tramites do processo de contratação para iniciar o trabalho e também pessoas que estão a menos de 1 mês sem trabalhar; Desempregados de Curto-prazo: pessoas que estão sem trabalho de 1 até 12 meses; Desempregados de Longo-prazo: pessoas que estão sem trabalho por mais de 12 meses.

⁶ Uma vez que a PNADc não dispõe de uma pergunta específica sobre desencorajamento, foi utilizado a resposta 'não querer trabalhar' como uma aproximação da definição utilizada por [Rocha et al. \(2021\)](#). Essa intuição é válida, uma vez que da amostra foram separados aqueles que não desejam trabalhar por outros motivos. Em outras palavras, aqueles que se encaixaram na categoria 'desencorajados' responderam que não desejam trabalhar sem fornecer uma justificativa específica, o que pode caracterizá-los como desencorajados.

⁷ A PNADc não faz distinção entre problemas de saúde e gravidez, tornando difícil relacionar os fatores que mais impactam nessa questão de gênero. Porém, por questões óbvias, há de se supor que homens tenham uma maior proporção devido a problemas de saúde.

desencorajamento e outros motivos diversos.

Um fato interessante é que os homens mencionam 'outros motivos' com mais frequência do que as mulheres, sugerindo que eles têm uma variedade maior de razões para se encontrarem na situação 'nem-nem' fora da força de trabalho. Embora essa característica não seja completamente clara para conclusões definitivas, aponta para uma diversidade de razões que afetam os homens nessa categoria, enquanto as razões das mulheres são mais evidentes nesse contexto.

Observando a questão da idade, podemos notar que a maior proporção dos jovens "nem-nem" que estão na força de trabalho está na faixa etária de 15 a 22 anos, representando 35,7%, em comparação com 32,7% dos jovens com idades entre 23 e 29 anos. No entanto, quando analisamos a composição desses grupos dentro da força de trabalho, encontramos semelhanças notáveis. Ambas as faixas etárias têm proporções semelhantes para reentrantes, que variam de 15% a 18%, desempregados de curto prazo, variando de 43% a 44%, e desempregados de longo prazo, variando de 38% a 42%. Isso indica uma certa estabilidade em termos de idade para esses jovens em situação "nem-nem".

No que diz respeito aos jovens fora da força de trabalho, a proporção é ligeiramente diferente, mas ainda apresenta semelhanças notáveis. A maioria desses jovens está nessa situação devido a problemas de saúde e responsabilidades familiares. No entanto, a composição daqueles entre 23 e 29 anos é mais atenuante em relação às responsabilidades familiares, representando um total de 61%, em comparação com o outro grupo, que representa 44%. Portanto, ao analisar a população sem trabalhar e sem estudar em termos de idade, podemos observar uma certa estabilidade nas composições de cada grupo, com a principal diferença sendo o número de jovens na força potencial, que é menor para aqueles entre 23 e 29 anos.

Tabela 3 – Composição populacional de jovens em situação "nem-nem"

Categoria	Total	Homem	Mulher	De 15 a 22 anos	De 23 a 29 anos
Dentro da Força de Trabalho	34,1%	43,3%	29,0%	35,7%	32,7%
Reentrantes	16%	20%	13%	18%	15%
Desempregados de Curto Prazo	43%	46%	41%	44%	43%
Desempregados de Longo Prazo	40%	34%	45%	38%	42%
Fora da Força de Trabalho	65,9%	56,7%	71,0%	64,3%	67,3%
Desencorajados	13%	29%	8%	18%	10%
Problema de saúde/Gravidez	23%	43%	16%	22%	23%
Responsabilidades Familiares	55%	8%	70%	44%	61%
Muito jovem para trabalhar	3%	7%	2%	8%	***
Outros motivos	5%	12%	3%	6%	4%

(***) Valor não significativo a um CV > 0.20.

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da PNAD Contínua para o Brasil, 2022.

Esse breve retrato da composição dos jovens em situação 'nem-nem' nos permite

compreender melhor sua estrutura e obter uma noção mais precisa da realidade. A maioria desses jovens está categorizada como fora da força de trabalho, o que gera um grande contingente de pessoas sem perspectivas imediatas de sair dessa situação.

2.1.2 Educação

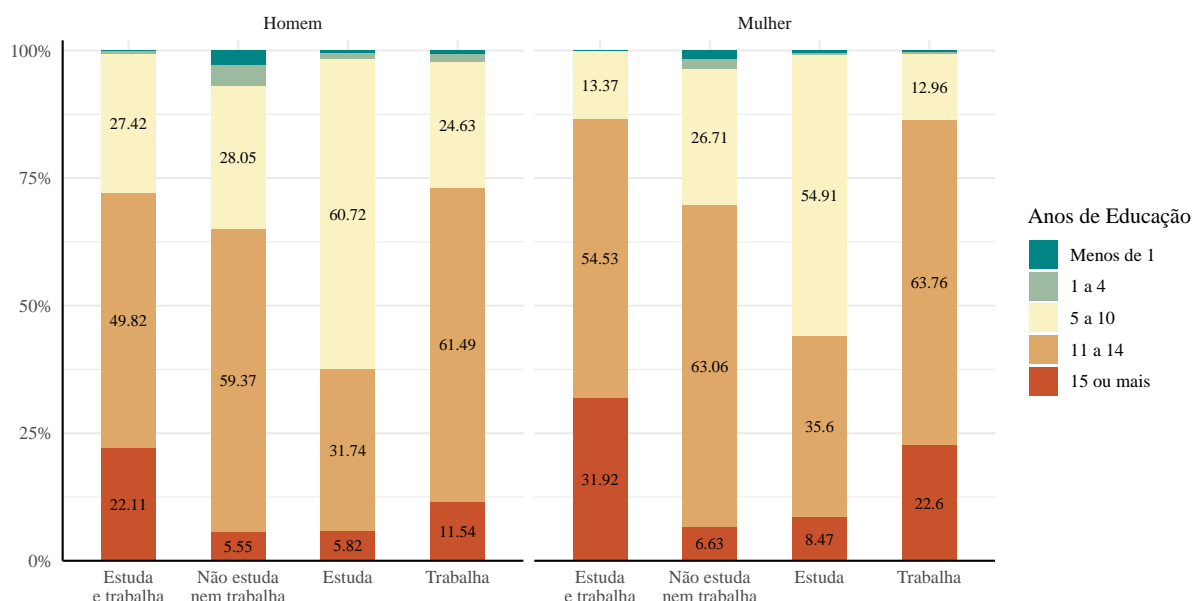
A educação desempenha um papel fundamental na obtenção de emprego na juventude. Pessoas com níveis educacionais mais baixos tendem a enfrentar maiores dificuldades na busca por emprego e, conseqüentemente, a obter rendimentos menores em comparação com aqueles que possuem níveis educacionais mais elevados. Além disso, a evasão escolar desempenha um papel crucial na determinação de um jovem se tornar 'nem-nem'. Segundo [GONZAGA et al. \(2012\)](#), isso ocorre principalmente em famílias menos favorecidas devido a um grande trade-off entre estudar e trabalhar.

A figura 3 mostra a composição educacional de cada grupo econômico analisado. Tanto para homens e mulheres, a maior proporção de jovens "nem-nem" têm até 14 anos de estudo, ou seja, a maioria dos jovens nessa situação estão com pelo menos o nível médio completo, com 59,37% para os homens e 63,06% para as mulheres. Segundo [Paulino, Dutra-Thomé e Bendassolli \(2021\)](#), os jovens egressos na fase de ensino médio apresentam uma crença de incapacidade de atingirem seus objetivos diante de um contexto de alta concorrência para ingressar em uma universidade, principalmente no que tange jovens mais pobres. Além de que, para as mulheres, há um fator extra, que é o de serem mães jovens, em que tal egresso também é impedido devido a serem demandadas a assumirem o papel principal na criação dos filhos.

Há aproximadamente 35% de jovens "nem-nem" do sexo masculino que possuem menos de 11 anos de estudo, enquanto as mulheres apresentam um percentual de cerca de 30% com essa mesma faixa de estudo. Segundo [Paulino, Dutra-Thomé e Bendassolli \(2021\)](#), os jovens nessa situação enfrentam uma problemática mais elevada devido ao ciclo vicioso da pobreza. Isso ocorre porque a necessidade de sobrevivência os obriga a trabalhar para manter um nível mínimo de sustento para a família no curto prazo, mas, a longo prazo, essa ocupação em empregos de baixa remuneração intensifica a situação de pobreza.

A influência da educação dos pais é um fator significativo na determinação de um jovem 'nem-nem'. Segundo [CORSEUIL C. H.; SANTOS \(2001\)](#), a educação dos pais desempenha um papel fundamental na decisão dos filhos em relação aos estudos, em que pais com maior nível de educação tendem a incentivar seus filhos a buscar uma educação mais sólida, uma vez que valorizam o tempo dedicado à educação. Assim, quando a educação dos pais está correlacionada com a renda, os pais mais educados têm uma maior predisposição para investir mais na educação de seus filhos, o que pode incluir a busca por uma educação mais especializada.

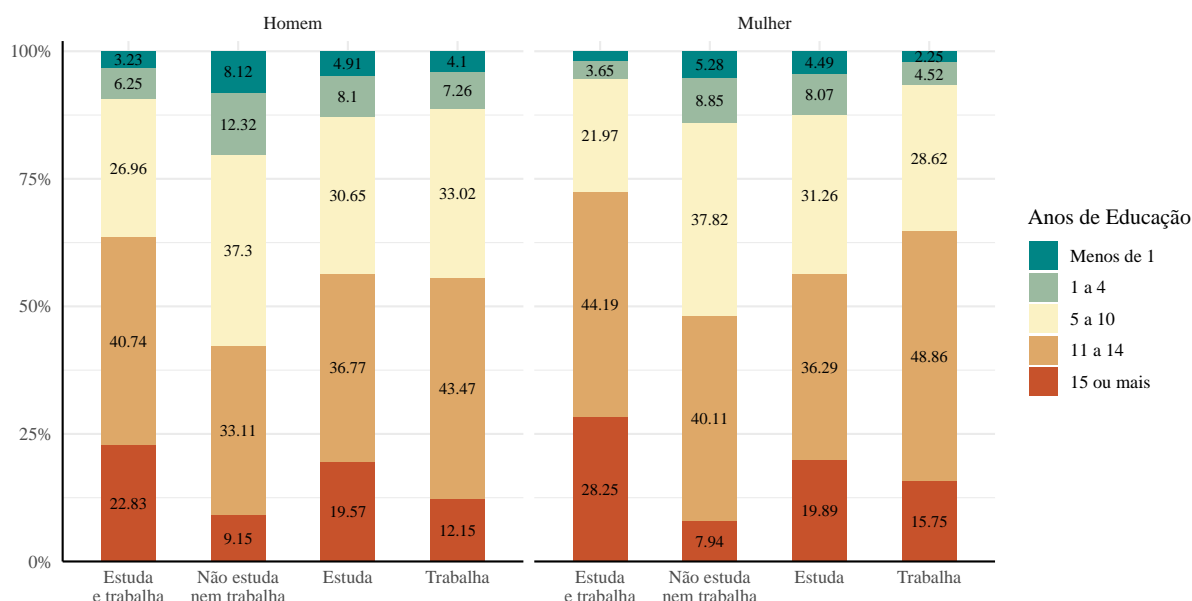
Figura 3 – Composição por Anos de Estudo



Fonte: Elaboração do autor com base na PNAD Contínua, 2022.

No caso brasileiro em 2022, de acordo com a figura 4, observa-se que o nível de educação do chefe de família é mais elevado para aqueles que estão estudando ou estudam e trabalham. Essa tendência é comum tanto para homens quanto para mulheres. Quando examinamos a categoria 'nem-nem', notamos uma maior proporção de chefes de família com até 4 anos de educação em comparação com as outras categorias. Isso sugere que o nível educacional dos pais ou chefes de família pode ter uma influência positiva sobre a capacidade do jovem se ocupar em atividades de trabalho e educação.

Figura 4 – Níveis de Educação do Chefe de Família



Fonte: Elaboração do autor com base na PNAD Contínua, 2022.

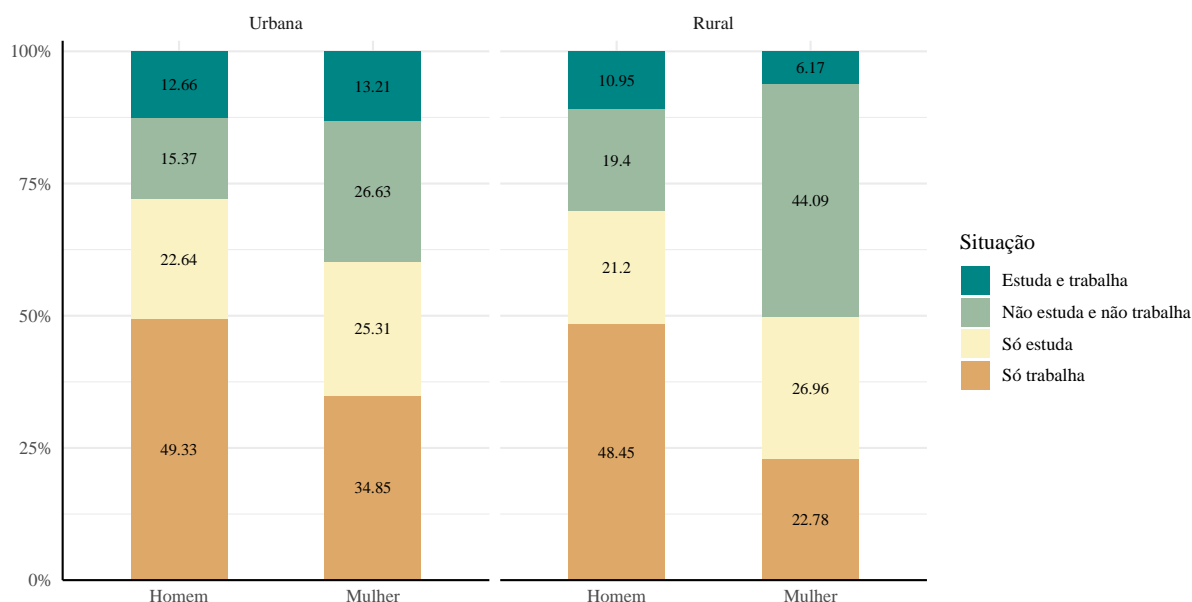
2.1.3 Regionalidade

Fatores regionais também têm uma influência significativa na situação de jovens na categoria "nem-nem". De acordo com [Alcázar, Rendón e Wachtenheim \(2002\)](#), em países sul-americanos, os jovens que residem em áreas rurais enfrentam maiores dificuldades de acesso a serviços, como educação, o que torna mais difícil o ingresso na escola e, conseqüentemente, no mercado de trabalho. Essa relação entre áreas urbanas e rurais fica evidente ao analisarmos a Figura 5, que demonstra essa distinção tanto para homens quanto para mulheres.

No caso dos homens, observa-se uma diferença positiva de aproximadamente 4% de jovens em situação "nem-nem" nas regiões rurais em comparação com as áreas urbanas. No entanto, para as mulheres, essa diferença é mais acentuada, com uma proporção de 44,09% em regiões rurais em comparação com 26,63% em áreas urbanas. É importante ressaltar que a discrepância entre homens e mulheres é significativa, com as mulheres sendo mais afetadas pela situação "nem-nem" do que os homens.

Essa disparidade nas áreas rurais pode ser atribuída, em grande parte, ao papel tradicionalmente atribuído às mulheres como "cuidadoras do lar", o que é mais intensivo em regiões rurais do interior brasileiro.

Figura 5 – Regiões com Nem-Nem



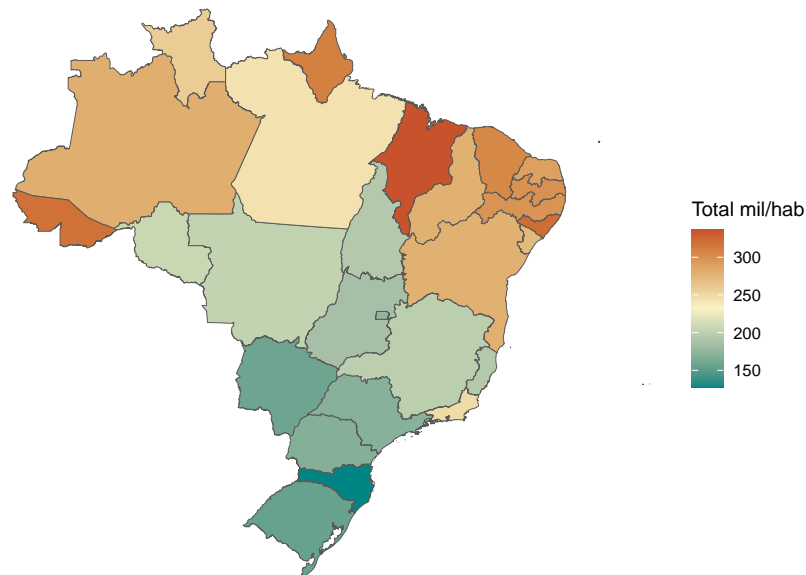
Fonte: Elaboração do autor com base na PNAD Contínua, 2022.

A Figura 6 mostra como os jovens em situação "nem-nem" estão distribuídos no Brasil, com base em cada mil habitantes. O estado do Maranhão ocupa o primeiro lugar, com aproximadamente 336 jovens em situação "nem-nem" para cada mil habitantes. Em segundo lugar, temos Alagoas, seguido pelo Acre em terceiro, com 322 e 318 jovens, respectivamente. Esses números revelam que as regiões Norte e Nordeste têm uma maior

proporção de jovens nessa situação, e ocupam as 13 primeiras posições com mais jovens "nem-nem", evidenciando uma maior vulnerabilidade dos jovens nessas regiões. Por outro lado, as regiões do Sudeste apresentam as menores proporções de jovens nessa situação, com Santa Catarina tendo a menor proporção em todo o Brasil, com 128 jovens, seguido por Rio Grande do Sul, com aproximadamente 156 jovens.

De acordo com [Pereira e Queiroz \(2023\)](#), por meio de estimação de modelo probabilístico probit, a maior parte dos jovens em situação "nem-nem" eram do sexo feminino, de cor preta/parda, e com baixo nível de instrução e renda. Além disso, as questões de gênero e pobreza/renda são as que mais contribuem para essa situação do nordeste⁸ do Brasil.

Figura 6 – Regiões com Nem-Nem



Fonte: Elaboração do autor com base na PNAD Contínua, 2022.

⁸ Apesar de ser uma pesquisa específica para o Nordeste, há uma grande possibilidade desse cenário ser bem próximo também para a região Norte do país.

Tabela 4 – Ranking de "nem-nem" por Estado

	Estado	Proporção (mil/hab)
1	Maranhão	336,9
2	Alagoas	322,0
3	Acre	318,8
4	Amapá	310,4
5	Ceará	305,5
6	Paraíba	299,4
7	Pernambuco	297,3
8	Rio Grande Do Norte	289,5
9	Amazônas	279,6
10	Bahia	278,7
11	Piauí	278,4
12	Sergipe	271,8
13	Roraima	259,4
14	Rio De Janeiro	249,5
15	Pará	244,5
16	Rondônia	207,9
17	Mato Grosso	203,0
18	Minas Gerais	199,2
19	Espírito Santo	194,8
20	Tocantins	194,6
21	Goiás	185,9
22	Distrito Federal	175,6
23	São Paulo	170,8
24	Paraná	170,1
25	Mato Grosso Do Sul	159,6
26	Rio Grande Do Sul	156,5
27	Santa Catarina	128,1

Fonte: Elaboração do autor com base na PNAD Contínua, 2022.

2.1.4 Renda

Com relação à renda, [Costa, Becker e Pavão \(2013\)](#) analisam o papel que ela desempenha na alocação de trabalho entre jovens. Segundo os autores, é de extrema necessidade realizar estudos com o objetivo de analisar o impacto da renda domiciliar no tempo dedicado ao trabalho, considerando a grande quantidade de jovens na População Economicamente Ativa (PEA). Além disso, essas análises desempenham um papel crucial na compreensão do fenômeno 'nem-nem'. Conforme destacado no estudo de ([COSTA; BECKER; PAVÃO, 2013](#)), a renda tem o efeito de aumentar a probabilidade de frequência escolar e, ao mesmo tempo, reduzir a entrada precoce no mercado de trabalho.

Uma explicação para essa questão é abordada por [Becker e Tomes \(1986\)](#), que argumentam que à medida que a renda familiar diminui, as famílias passam a depender mais do trabalho dos filhos mais jovens, deixando de investir em educação. Isso tem o

efeito de, no curto prazo, aumentar a renda familiar, mas, no longo prazo, leva a uma estagnação nos salários desses jovens, resultando em uma renda menor. Essa explicação também pode ser aplicada àqueles em situação 'nem-nem', uma vez que a entrada precoce no mercado de trabalho devido à baixa renda familiar pode levar, a médio prazo, à falta de qualificação e ao abandono escolar. Isso, por sua vez, pode levar esses jovens à situação de 'nem-nem'.

Outro aspecto que pode ser analisado é o recebimento ou não do Bolsa Família. Vasconcelos et al. (2017) realizou uma modelagem econométrica com o objetivo de entender a relação entre a variação na característica 'nem-nem' e o recebimento do Bolsa Família. O autor identificou efeitos positivos do programa Bolsa Família na probabilidade de os jovens estarem estudando ou trabalhando. Segundo o autor, isso pode ocorrer porque o mesmo nível de consumo pode ser alcançado com uma alocação menor de tempo para o trabalho, permitindo mais tempo para o estudo.

As figuras 7 e 8 ilustram como a renda per capita e o Bolsa Família impactam as características trabalhistas dos jovens.

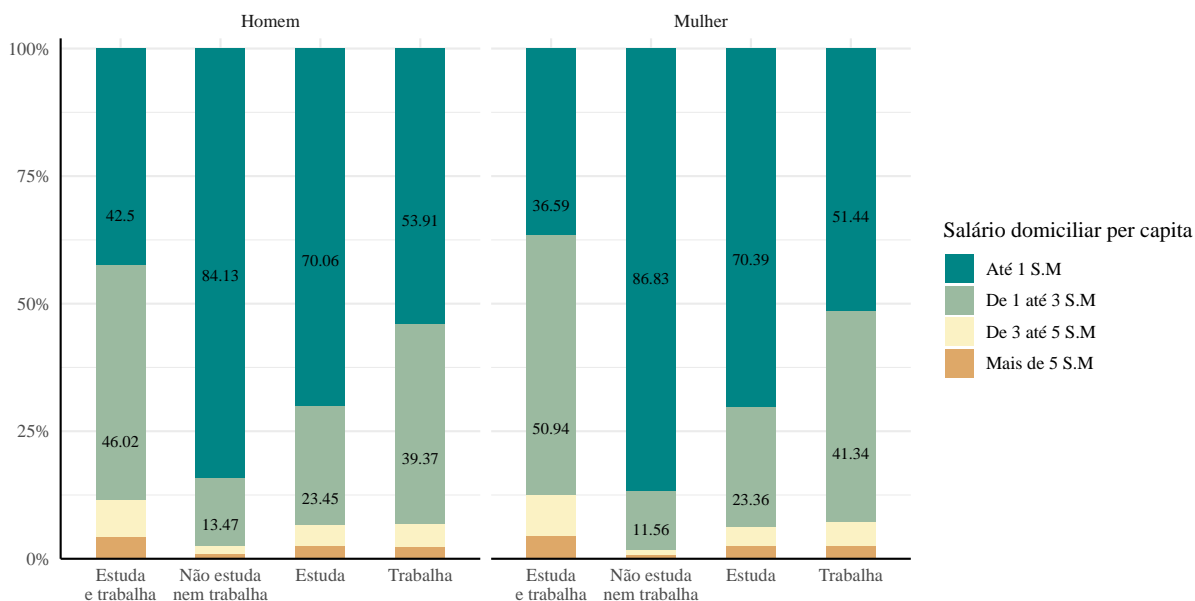
Na figura 7, podemos observar a composição da renda domiciliar per capita para diferentes características dos jovens, separados por gênero. Quando analisamos aqueles com renda inferior a um salário mínimo, notamos que a maioria dos homens que não estudam nem trabalham corresponde a cerca de 84,13%. Essa proporção diminui à medida que os jovens passam a estudar e trabalhar, atingindo um mínimo de 42,5% na categoria 'Estuda e trabalha'. No caso das mulheres, embora a proporção de 'nem-nem' com renda domiciliar per capita de até um salário mínimo seja maior do que a dos homens, cerca de 86,83%, notamos que, na categoria com a menor proporção de pessoas com renda de até um salário, há menos mulheres com essa característica em comparação com os homens, representando um total de 36,59%. Isso sugere que, à medida que a renda aumenta, os jovens tendem a se envolver mais em atividades como trabalho e estudo.

Na figura 8, homens e mulheres são divididos com base no critério de receber ou não o Bolsa Família, e a partir disso, podemos entender como a composição de cada característica varia de acordo com a situação do jovem.

Entre aqueles que recebem o Bolsa Família, cerca de 32% dos homens são caracterizados como 'nem-nem', enquanto para as mulheres, esse número aumenta significativamente, chegando a cerca de 63%. Por outro lado, entre aqueles que não recebem o Bolsa Família, a composição permanece relativamente estável. Os homens nessa categoria apresentam uma taxa de 15,78% em situação 'nem-nem', enquanto as mulheres têm uma taxa ligeiramente mais alta, de 23,96%.

Portanto, podemos concluir que a maioria das mulheres que recebem o Bolsa Família se encontram na situação 'nem-nem', o que é significativamente mais alto em

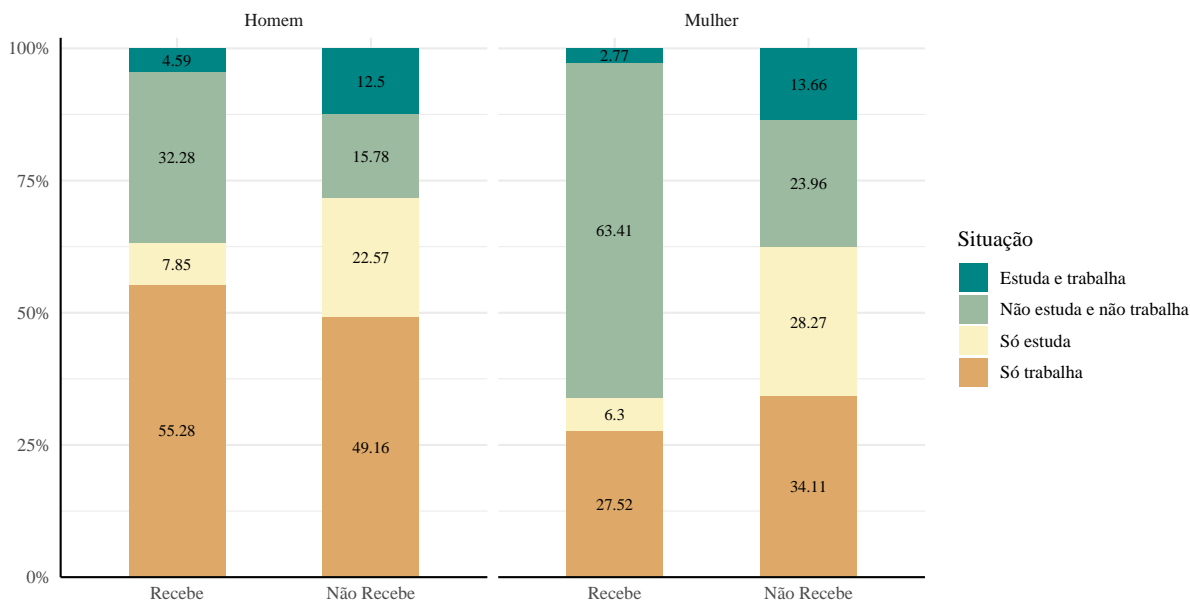
Figura 7 – Renda Domiciliar



Fonte: Elaboração do autor com base na PNAD Contínua, 2022.

comparação com os homens na mesma categoria.

Figura 8 – Bolsa Família



Fonte: Fonte: Elaboração do autor com base na PNAD Contínua, 2022.

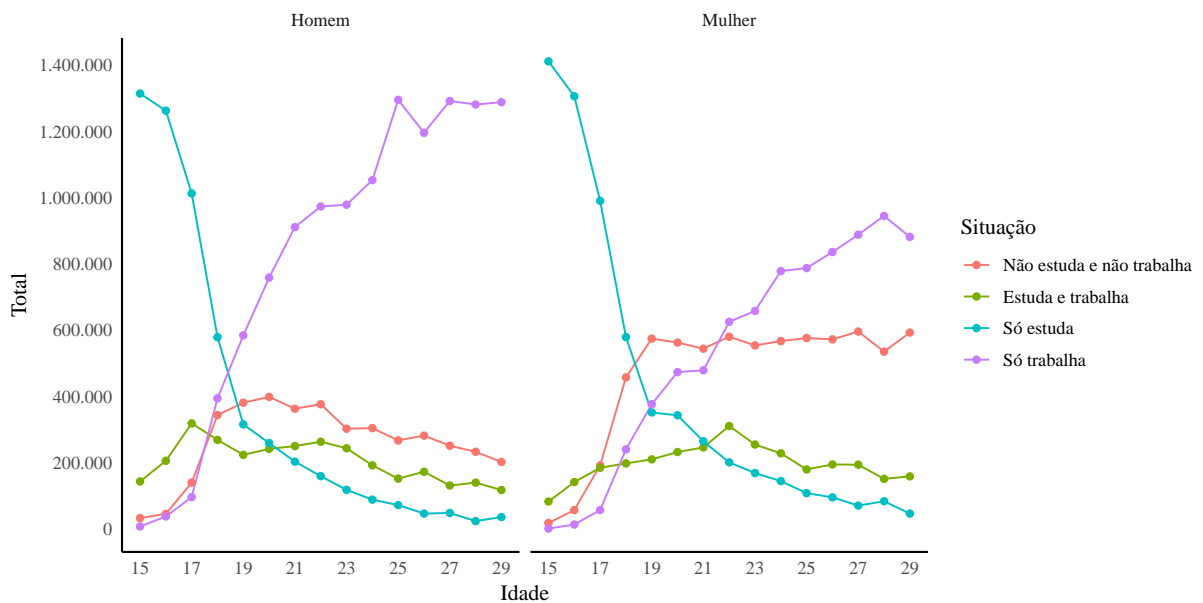
2.1.5 Idade

Tillmann e Comim (2016) argumentam que a decisão entre estudar e trabalhar ocorre de forma variável durante a vida no decorrer dos anos. Então abordar as diferentes demandas e alocações por idade é um fator importante para entender períodos transitórios que são mais relevantes para cada categoria estudada. A figura 9 mostra essa evolução.

Ao analisar a situação "só estuda", observa-se que o pico ocorre aos 15 anos, tanto para homens quanto para mulheres, e diminui gradualmente ao longo do tempo. No entanto, há uma queda mais acentuada entre os 17 e 19 anos. Essa característica está relacionada ao término do ensino médio, o que leva à interrupção dos estudos para a maioria da população, uma vez que apenas uma pequena parcela continua a educação no nível superior. Esse padrão coincide com o aumento no número de jovens que estão trabalhando, com diferenças significativas entre homens e mulheres. Mais homens começam a trabalhar, tanto mais cedo quanto em maior número, em comparação com as mulheres, que, ao longo do tempo, têm uma diminuição na proporção de mulheres que trabalham exclusivamente.

Quanto à categoria "estuda e trabalha", ela mantém relativa estabilidade e é semelhante tanto para homens quanto para mulheres ao longo dos anos. Por fim, nota-se que os jovens "nem-nem" atingem um pico em torno dos 19 e 20 anos, embora com notáveis diferenças entre homens e mulheres. Para os homens, parece haver uma tendência de queda após o pico ao longo dos anos, enquanto que para as mulheres, esse pico é mais pronunciado e mantém uma estabilidade ao longo do tempo. Isso sugere que, uma vez que as mulheres entram nesse grupo, elas têm uma probabilidade maior de permanecer nessa situação em comparação com os homens, que tendem a sair dela com mais frequência.

Figura 9 – Evolução das Características por Idade



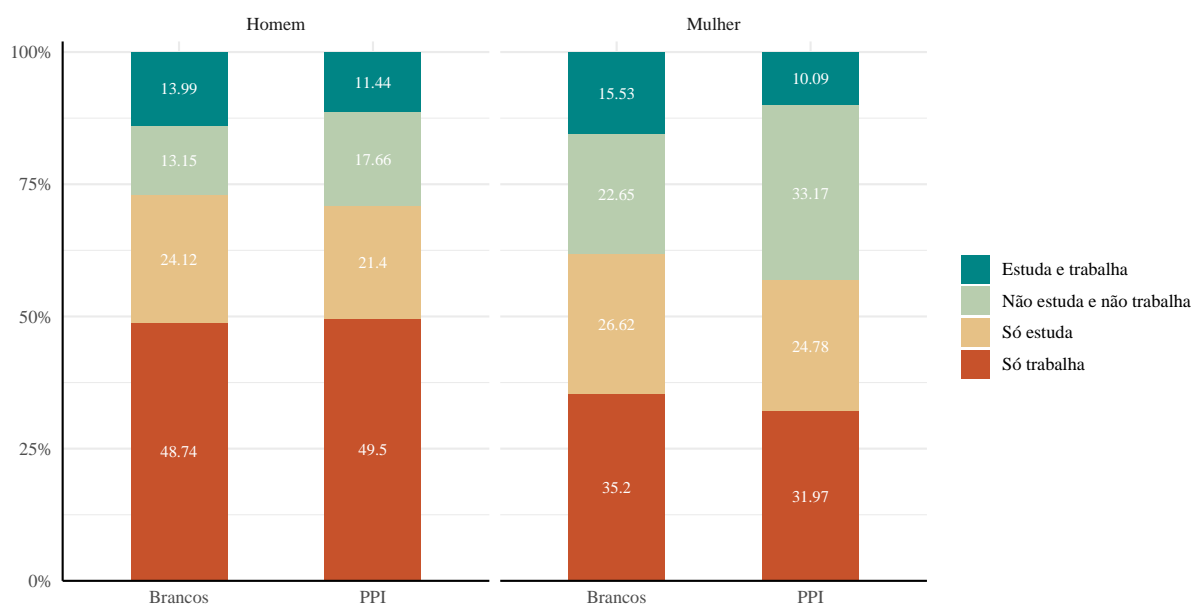
Fonte: Elaboração do autor com base na PNAD Contínua, 2022.

2.1.6 Raça

As questões de cor/raça desempenham um papel crucial na compreensão das características da população "nem-nem". A Figura 10 ilustra essa composição, desagregada por raça, considerando pessoas brancas⁹ e PPI.

Quando observamos os homens, notamos que há uma relativa equivalência entre brancos e PPI, com uma pequena diferença na categoria "não estuda e não trabalha". Os PPI têm aproximadamente 5 pontos percentuais a mais nessa categoria em comparação com os brancos. No entanto, ao analisar as mulheres, notamos uma discrepância significativa entre mulheres brancas e PPI. As mulheres PPI têm cerca de 11% a mais na categoria "não estuda e não trabalha" em comparação com as mulheres brancas. Além disso, em ambas as classificações de brancos e PPI, as mulheres têm uma maior representação na categoria "nem-nem" em comparação com os homens.

Figura 10 – Desagregação por Raça



Fonte: Fonte: Elaboração do autor com base na PNAD Contínua, 2022.

⁹ Para a estimativa, consideramos pessoas brancas e amarelas, uma vez que, de acordo com Campos Luiz Augusto; Barbosa (2022), elas têm níveis de escolaridade, ocupação e renda mais semelhantes quando comparadas às outras categorias (Pretos, pardos e indígenas).

3 Estimação

3.1 Regressão Logística Multinomial

O modelo escolhido para a estimação foi o *LogitMultinomial*, pois ele consegue analisar efeitos de uma variável dependente com mais de duas categorias, sendo assim uma extensão do modelo de regressão logística binária. Segundo [Wooldridge \(2010\)](#), a equação matricial é dada por:

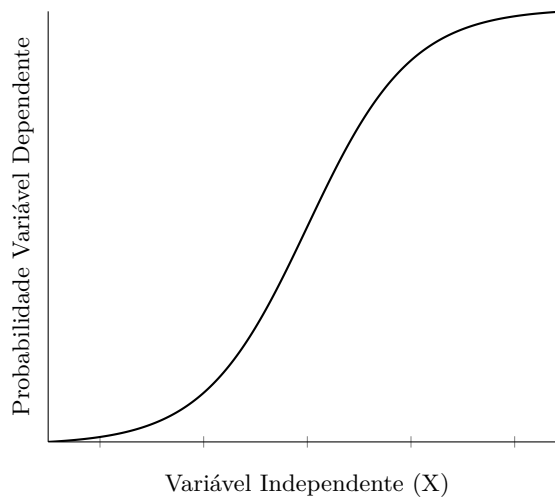
$$P(Y = k|X) = \frac{e^{X\beta_k}}{\sum_{j=1}^K e^{X\beta_j}}, \quad k = 1, 2, \dots, K \quad (1)$$

Onde:

- $P(Y = k|X)$ é a probabilidade de pertencer à categoria k dada a matriz de características X .
- β_k é um vetor de coeficientes específicos para a categoria k .
- X é uma matriz de características onde cada linha representa uma observação e cada coluna representa uma característica.
- K é o número de categorias.

Além disso, na figura 11, apresentamos a curva de distribuição acumulada do modelo. É importante observar que, como se trata de uma distribuição de probabilidade, os valores no eixo y estão limitados a um intervalo entre 0 e 1.

Figura 11 – Gráfico da Curva Logística



3.2 Modelagem

Para o estudo foram considerados jovens de 15 a 29 anos, a partir de dados da PNAD Contínua. O modelo proposto é uma regressão logística multinomial que considera as probabilidades de diferentes situações (estudar, trabalhar, estudar e trabalhar, não estudar e não trabalhar) com base nas variáveis listadas na tabela 5.

Tabela 5 – Variáveis de Interesse

Variável	Descrição
idade	Idade do jovem
raça	Se a pessoa é PPI ou branca
sexo	Se é mulher ou homem
cuidado	Se realizou cuidado de moradores do domicílio ou fora do domicílio;
anos_ed.chef	Anos de educação do chefe de família: nível primário e nível superior
anos_educ	Níveis de educação do indivíduo
bolsa_familia	Se recebe ou não bolsa família
região	Regiões brasileiras separadas por norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul
area	Se vive em área urbana ou rural
renda_pc	Renda per capita do domicílio
n_pessoas	Nº de pessoas que moram no domicílio

3.2.1 Plano Amostral

Uma vez que a PNAD Contínua utiliza um plano amostral complexo, para a realização das estimativas, é necessário o uso dos pesos amostrais. De acordo com (MENDONÇA et al., 2012), uma vez que esses dados são criados a partir de estratificações, clusters e probabilidades desiguais de seleção, não podemos tratá-los como se fossem observações independentes e identicamente distribuídas. Dessa forma, é necessário a utilização da máxima pseudo-verossimilhança, para que todo o plano amostral seja considerado. Além disso, foi utilizado o *pseudo* – R^2 de Nagelkerke, que é um ajuste do indicador de Cox and Snell, para a verificação da qualidade do modelo (WALKER; SMITH, 2016). Todas as estatísticas foram realizadas com o auxílio dos pacotes *survey* (LUMLEY, 2004) e *nnet* (VENABLES; RIPLEY, 2002).

3.2.2 Discussões

A tabela 6 mostra as estimativas obtidas a partir do modelo proposto. Ao analisarmos o modelo de regressão multinomial, é importante ter uma categoria de referência, que, no caso, é o 'jovem estudar e trabalhar'. Além disso, para essa estimativa habitual, não é possível interpretar os valores dos coeficientes diretamente, sendo possível apenas constatar

o sinal do coeficiente. A variável idade indica um sinal positivo para a característica 'nem-nem', ou seja, à medida que o jovem envelhece, a probabilidade de ficar sem trabalhar e sem estudar aumenta em comparação com aqueles que 'estudam e trabalham'. O mesmo raciocínio se aplica àqueles que só trabalham, onde também aumenta a chance de apenas trabalhar com o aumento da idade. Já para a categoria 'só estuda', com o aumento da idade, diminui a probabilidade de pertencer a essa categoria. Esse é um resultado esperado, uma vez que a maior parte da população deixa de estudar após concluir o ensino obrigatório.

Para jovens pertencentes à categoria PPI, a probabilidade de estarem sem estudar e sem trabalhar ou de apenas trabalhar é maior em comparação com jovens brancos, apresentando uma ponderação negativa para a categoria 'só estudar'. Esse resultado é esperado, uma vez que jovens PPI são os mais afetados por aspectos relacionados à renda e desigualdade, preferindo trabalhar em vez de estudar. Além disso, devido ao menor nível de educação que em comparação a pessoas brancas, eles têm uma maior propensão a ingressar na categoria 'nem-nem' com maior facilidade.

No caso das mulheres, há uma maior probabilidade de se tornarem 'nem-nem' em comparação com os homens. No entanto, elas também têm uma maior probabilidade de apenas estudar em relação aos homens que estudam e trabalham. Por outro lado, elas têm uma menor probabilidade de estar apenas trabalhando. Conforme observado nas estatísticas descritivas, as mulheres são as mais afetadas pela condição 'nem-nem'. Isso se deve a vários fatores, principalmente as responsabilidades de cuidar de familiares. Mesmo quando controlamos a estimativa por questões de cuidado, ainda persiste uma maior probabilidade de as mulheres se encontrarem na categoria 'nem-nem'.

Com relação àqueles que prestam algum tipo de cuidado às pessoas do domicílio, há uma maior probabilidade de se tornarem jovens 'nem-nem' em comparação com aqueles que estudam e trabalham. As outras categorias seguem a mesma interpretação. Isso decorre da ideia de que quando alguém cuida de familiares, tem menos tempo disponível para se envolver em outras atividades. Portanto, a probabilidade de se tornarem 'nem-nem' ou de se concentrarem em apenas uma atividade além do cuidado familiar, seja estudar ou trabalhar, é maior.

Ao analisar a característica de escolaridade do chefe de domicílio, observamos que a probabilidade de pertencer a qualquer uma das categorias, em comparação com 'estudar e trabalhar', é menor. Isso significa que jovens cujos pais têm uma escolaridade mais alta tendem a estudar e trabalhar com maior frequência. Esse resultado pode não se dever exclusivamente à necessidade de complementação de renda, mas sim à busca por um maior nível de experiência no mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que ampliam seu capital humano.

Além disso, a ampliação dos anos de educação do jovem tem um impacto semelhante

ao dos anos de educação do chefe de família. À medida que os anos de escolaridade aumentam, em comparação com aqueles com uma faixa de educação de menos de 4 anos, também aumenta a probabilidade desse jovem estar estudando e trabalhando.

No que diz respeito às questões regionais, considerando a região sul como a categoria de referência devido ao menor nível de jovens 'nem-nem' em todo o país, observamos que, conseqüentemente, estar em qualquer uma das outras regiões aumenta a probabilidade de estar sem estudar e trabalhar. No entanto, a probabilidade de estar apenas estudando ou apenas trabalhando nessas regiões é maior, com exceção do norte, onde a probabilidade de estar apenas trabalhando é menor em comparação com aqueles que estudam e trabalham na região sul.

Paralelamente, ao verificarmos a influência da área em que se vive, percebemos que regiões mais rurais aumentam a probabilidade de ser 'nem-nem' e de apenas trabalhar, em detrimento de estudar, seja só estudando ou estudando e trabalhando. Esse aspecto pode ser explicado pela menor oferta de ensino de qualidade e pela dificuldade de acesso à educação em áreas muito rurais e remotas. Portanto, há uma maior probabilidade de jovens que residem em tais localidades estarem mais propensos a apenas trabalhar ou a se tornarem 'nem-nem', caso não encontrem oportunidades devido à baixa oferta de trabalho formal.

Por fim, ao considerar aspectos domiciliares, como a renda per capita e o número de pessoas no domicílio, observamos que, à medida que a renda per capita aumenta, a probabilidade de pertencer à categoria de 'estudar e trabalhar' também aumenta. Isso é mais um indicativo de que o fato de estudar e trabalhar não está relacionado à necessidade de complementação da renda familiar, mas sim à busca de ampliação do capital humano por meio de especialização e experiência no mercado de trabalho.

Além da renda domiciliar, notamos que o fato de o jovem receber o Bolsa Família aumenta a probabilidade de pertencer à categoria 'nem-nem'. No entanto, é crucial salientar que isso não implica uma relação causal, ou seja, o fato de alguém receber o Bolsa Família não implica necessariamente que essa pessoa deixará de estudar e de trabalhar. Essa associação ocorre porque, ao receber o Bolsa Família, a pessoa já se caracteriza como alguém de baixa renda, o que indica a razão para estar na categoria 'nem-nem'. Isso se deve ao ambiente de desigualdade em que ela se encontra, sendo um aspecto não capturado pelo modelo estimado. Essa conclusão pode ser corroborada pelo estudo de [Vasconcelos et al. \(2017\)](#) que conclui que o Programa Bolsa Família reduz a probabilidade de jovens se tornarem 'nem-nem' no Brasil.

No entanto, com um maior número de pessoas no domicílio, a probabilidade de o jovem se tornar 'nem-nem' aumenta, reduzindo também a probabilidade de estar apenas trabalhando.

Tabela 6 – Modelo de Regressão Multinomial

Variável	Não Estuda e Não Trabalha	Só estuda	Só Trabalha
idade	0.1613 (0.0001)	-0.3280 (0.0001)	0.2701 (0.0001)
PPI	0.0329 (0.0007)	-0.2408 (0.0008)	0.1553 (0.0007)
Mulher	0.4310 (0.0007)	0.3027 (0.0008)	-0.4249 (0.0007)
cuidado	0.2153 (0.0008)	0.0400 (0.0010)	0.3228 (0.0008)
anos_ed.chef: Superior	-1.2025 (0.0000)	-0.4150 (0.0000)	-1.1750 (0.0000)
anos_educ: 5 a 10 anos	-2.3035 (0.0006)	-0.6032 (0.0008)	-1.1594 (0.0006)
anos_educ: 11 a 14 anos	-2.0790 (0.0006)	-1.2850 (0.0007)	-0.9090 (0.0005)
anos_educ: 15 ou mais anos	-3.5505 (0.0006)	-0.8505 (0.0007)	-2.2209 (0.0007)
bolsa_familia: Recebe	1.2892 (0.0002)	0.6668 (0.0001)	0.3848 (0.0002)
Centro-Oeste	0.2591 (0.0006)	0.2961 (0.0003)	0.0295 (0.0009)
Nordeste	0.6225 (0.0006)	1.0074 (0.0008)	0.0755 (0.0007)
Norte	0.3132 (0.0007)	0.7964 (0.0006)	-0.0069 (0.0008)
Sudeste	0.5078 (0.0006)	0.6121 (0.0007)	0.2635 (0.0006)
Rural	0.1449 (0.0008)	-0.2160 (0.0003)	0.1749 (0.0008)
renda_pc	-0.0007 (0.0000)	-0.0000 (0.0000)	-0.0001 (0.0000)
n_pessoas	0.0308 (0.0004)	0.0321 (0.0004)	-0.0491 (0.0004)
<i>Pseudo – R²</i>	0.5284		
<i>AIC</i>	55485485		

Todos os valores estatisticamente significantes a 5%

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da PNAD Contínua para o Brasil, 2022.

3.3 Efeitos Parciais

Na seção anterior, discutimos o aspecto de como as probabilidades variam, mas não conseguimos inferir detalhes importantes dos coeficientes. Para obter uma interpretação mais abrangente, é necessário realizar uma transformação que permita essa análise. Podemos alcançar essa compreensão por meio da obtenção de efeitos parciais ou efeitos marginais médios. Essa abordagem nos permite calcular o efeito médio das estimativas, o que nos possibilita analisar o impacto médio de uma variável na probabilidade de pertencer a cada categoria estudada.

A equação é dada por:

$$\frac{\partial P(Y_i = k)}{\partial X_j} = \beta_k \cdot P(Y_i = k) \cdot (1 - P(Y_i = k)) \cdot \beta_j \quad (2)$$

Onde:

- $\frac{\partial P(Y_i = k)}{\partial X_j}$ é o efeito parcial da variável X_j na probabilidade de pertencer à categoria k
- β_k é o coeficiente da categoria k
- β_j é o coeficiente da variável X_j
- $P(Y_i = k)$ é a probabilidade de que a observação i pertença à categoria k

"A tabela 7 exibe as razões de chance, representadas como OR (Odds Ratio), para os jovens da categoria 'nem-nem', juntamente com o intervalo de confiança de cada estimativa. Para a interpretação adequada do modelo, é necessário calcular $(1 - OR) * 100$, a fim de possibilitar uma interpretação correta da estimativa.

Ao analisar o efeito do aumento da idade, nota-se um aumento de aproximadamente 17,5% na probabilidade de um jovem se tornar 'nem-nem', uma redução de 28% na chance de apenas estudar em comparação com estudar e trabalhar, e um aumento de 31% na chance de apenas trabalhar. Esses resultados eram esperados, dado que à medida que os jovens crescem, eles tendem a dedicar mais tempo ao trabalho e cada vez menos tempo apenas aos estudos.

Pertencer à categoria PPI resulta em um aumento de cerca de 3% na probabilidade de ser jovem 'nem-nem', reduz a chance em aproximadamente 22% de estar apenas estudando e aumenta a chance em 16% de estar apenas trabalhando, em comparação com pessoas brancas. Portanto, o fato de ser jovem PPI aumenta a probabilidade de ter que trabalhar em detrimento de estudar, sendo também um fator que aumenta a chance de não estudar e não trabalhar.

O fator de gênero também influencia significativamente, sendo que ser mulher aumenta a probabilidade de se tornar 'nem-nem' em torno de 54%. No entanto, ao analisar

a característica de apenas estudar, o fato de ser mulher aumenta essa chance em 35,3% e reduz em torno de 34% a chance de apenas trabalhar em comparação com os homens.

Trabalhos de cuidado domiciliar aumentam a probabilidade de não trabalhar e não estudar em 24%, aumentando também em 4% e 38% a chance de apenas estudar e de apenas trabalhar, respectivamente, em comparação com pessoas que não realizam cuidados familiares e estudam e trabalham.

A presença de um chefe de família com ensino superior reduz a probabilidade em todas as categorias, sendo a maior redução observada em não estudar e não trabalhar, com uma diminuição de 70% para tal categoria. Sendo assim, jovens com pais mais educados têm maior facilidade em conciliar trabalho e estudo.

Quanto aos anos de educação, observa-se uma diminuição significativa na probabilidade de ser 'nem-nem'. Para 5 a 10 anos de estudo, a chance diminui em quase 91%; de 11 a 14 anos, a queda é de 87,5%; e para mais de 15 anos, essa probabilidade cai para 97,1%, todas em comparação com jovens com menos de 5 anos de escolaridade. É interessante notar, em complemento à característica de ter chefe de família com ensino superior, que à medida que a escolaridade aumenta, há uma maior chance de os jovens passarem a estudar concomitantemente a trabalhar.

Em relação às regiões, o Nordeste é a que apresenta a maior probabilidade de gerar jovens 'nem-nem', com 86,6%, seguido pelo Sudeste, com 66,2%, o Norte, com 36,8%, e, por último, o Centro-Oeste, com uma probabilidade de 29,6%. Para a categoria de apenas estudar, temos que a chance no Nordeste e Norte é de aproximadamente 174% e 121%, respectivamente, em comparação com a região Sul. Esse fator pode se dever ao fato de que há menos oportunidades de trabalho formal nessas regiões em comparação com regiões mais desenvolvidas economicamente, como é o caso da região sul. Sendo assim, as pessoas dessas regiões têm uma propensão maior a apenas estudar em comparação com aquelas do Sul, que conciliam estudo e trabalho em uma proporção maior.

A zona rural tem uma probabilidade de 15,6% de aumentar as chances do jovem se tornar 'nem-nem', reduz em quase 20% a chance de só estudar e aumenta a chance de apenas trabalhar em 19,1%. O número de pessoas no domicílio aumenta a probabilidade do jovem ser 'nem-nem' e de apenas estudar em aproximadamente 3,1% e 3,3%, respectivamente, com uma redução na chance apenas na categoria 'só trabalhar', apresentando uma diminuição de aproximadamente 5,8% na chance de apenas trabalhar. Por fim, quanto à renda per capita, há uma pequena probabilidade de redução, cerca de 0,1%, na chance de ser 'nem-nem', sendo relativamente estável para as outras categorias.

Tabela 7 – Efeitos Marginais Médios - OR

	Não estuda e não trabalha	Só estuda	Só trabalha
idade	1.175	0.720	1.310
PPI	1.033	0.786	1.168
Mulher	1.540	1.353	0.654
cuidado	1.240	1.041	1.381
anos_ed.chef: Superior	0.300	0.660	0.309
anos_educ: 5 a 10 anos	0.100	0.547	0.314
anos_educ: 11 a 14 anos	0.125	0.277	0.403
anos_educ: 15 ou mais	0.029	0.427	0.109
bolsa_familia: Recebe	3.630	1.948	1.469
Centro-Oeste	1.296	1.345	1.030
Nordeste	1.864	2.739	1.078
Norte	1.368	2.218	0.993
Sudeste	1.662	1.844	1.302
Rural	1.156	0.806	1.191
renda_pc	0.999	1.000	0.999
n_pessoas	1.031	1.033	0.952
Referência: estuda e trabalha			

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da PNAD Contínua para o Brasil, 2022.

3.4 Modelo Ajustado

Dado que a variável bolsa-família gerou um valor muito discrepante em relação ao que sugere a literatura, propusemos um novo modelo que busca verificar possíveis interações que possam surgir. Além disso, modificamos a variável bolsa-família para avaliar o impacto do chefe de domicílio receber o benefício na probabilidade de existirem jovens 'nem-nem' no domicílio. Também adicionamos uma variável para verificar o número de filhos no domicílio. As variáveis do novo modelo podem ser vistas de acordo com a tabela 8.

A tabela 9 apresenta este modelo com algumas variáveis ajustadas, visando melhorar a interpretação e as estimativas. A adição dos coeficientes número de filhos e se o chefe de domicílio recebe bolsa-família não teve impacto significativo na modificação dos sinais das demais variáveis em relação ao modelo original. No entanto, ao analisarmos o *Pseudo - R²* e o coeficiente de *AIC*, observamos que o *Pseudo - R²* gerou um valor muito próximo ao do modelo original, enquanto o coeficiente de *AIC* indicou um valor significativamente inferior ao modelo original. De acordo com (AKAIKE, 1987), quanto menor o valor do

Tabela 8 – Variáveis de Interesse

Variável	Descrição
idade	idade do jovem
raça	Se a pessoa é PPI ou branca
sexo	Se é mulher ou homem
cuidado	Se realizou cuidado de moradores do domicílio ou fora do domicílio;
anos_ed.chef	Anos de educação do chefe de família: nível primário e nível superior
anos_educ	Níveis de educação do indivíduo
chef_bolsa_familia	Se o chefe de domicílio recebe ou não bolsa família
região	Regiões brasileiras separadas por norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul
area	Se vive em área urbana ou rural
renda_pc	Renda per capita do domicílio
n_pessoas	Nº de pessoas que moram no domicílio
n_filhos	Nº de filhos que moram no domicílio

coeficiente de AIC entre dois modelos, melhor especificado e mais simples ele será. Portanto, o modelo ajustado apresenta uma melhor especificação do que o modelo original. Dado que os coeficientes geraram estimativas com relação ao sinal do modelo original, então será feito uma abordagem apenas para as variáveis adicionadas.

Ao incorporar a variável que indica se o chefe de família recebe o Bolsa Família e interagir com a variável idade, observou-se uma redução na probabilidade de um jovem se tornar "nem-nem". Essa redução é plausível, pois, dentre os critérios para a permanência no programa, existe a exigência de manter os jovens menores de 18 anos matriculados e frequentando ativamente a rede de ensino (BRASIL, 2023). Contudo, ao analisar a interação entre a variável de recebimento do Bolsa Família pelo chefe de família e a idade, a variável se tornou positiva, indicando que, à medida que esses jovens, cujo domicílio recebe Bolsa Família, ficam mais velhos, aumenta a probabilidade de se tornarem jovens "nem-nem". Esse fenômeno pode ocorrer devido à falta de contrapartidas específicas para jovens após completarem 18 anos, além da ausência de incentivos do programa para que continuem se especializando e elevando o nível de escolaridade.

Quanto ao número de filhos no domicílio, o sinal negativo para todas as categorias em relação à categoria de referência indica que, à medida que há mais filhos/enteados do chefe de família no domicílio, aumenta a probabilidade de os jovens passarem a estudar e trabalhar. Isso pode ser um indicativo de que, ao contrário dos jovens que têm pais com ensino superior, esses jovens com mais irmãos optam por conciliar estudos e trabalho para contribuir com a renda financeira do domicílio.

No que se refere aos efeitos marginais do modelo ajustado, foram observadas

Tabela 9 – Modelo Ajustado

	Não estuda e não trabalha	Só estuda	Só trabalha
idade	0.168 (0.000)	-0.309 (0.000)	0.278 (0.000)
chef_bolsa_familia: Recebe	-2.237 (0.000)	-0.155 (0.000)	-1.197 (0.000)
PPI	0.019 (0.001)	-0.235 (0.001)	0.083 (0.001)
Mulher	0.505 (0.001)	0.361 (0.001)	-0.494 (0.001)
cuidado	0.300 (0.001)	0.030 (0.001)	0.394 (0.001)
anos_ed.chef: Superior	-0.704 (0.000)	-0.385 (0.000)	-0.722 (0.000)
anos_educ5 a 10 anos	-2.169 (0.001)	-0.439 (0.001)	-1.073 (0.001)
anos_educ11 a 14 anos	-1.997 (0.001)	-1.153 (0.001)	-0.773 (0.001)
anos_educ15 ou mais anos	-3.528 (0.001)	-0.827 (0.001)	-2.015 (0.001)
Centro-Oeste	0.256 (0.001)	0.327 (0.001)	0.015 (0.001)
Nordeste	0.725 (0.001)	1.073 (0.001)	0.057 (0.001)
Norte	0.409 (0.001)	0.848 (0.001)	-0.033 (0.001)
Sudeste	0.511 (0.001)	0.629 (0.001)	0.274 (0.001)
Rural	0.167 (0.001)	-0.233 (0.001)	0.149 (0.001)
renda_pc	-0.001 (0.000)	-0.000 (0.000)	-0.000 (0.000)
n_pessoas	0.113 (0.000)	0.023 (0.000)	0.073 (0.000)
n_filhos	-0.183 (0.001)	-0.064 (0.001)	-0.116 (0.001)
idade*chef_bolsa_familia: Recebe	0.120 (0.000)	0.008 (0.000)	0.073 (0.000)
<i>Pseudo – R²</i>	0.5280		
<i>AIC</i>	44971170		

Todos os valores estatisticamente significantes a 5%

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da PNAD Contínua para o Brasil, 2022.

algumas diferenças pontuais consideráveis, as quais serão aprofundadas em relação ao modelo original. Em relação às variáveis para as quais não houve uma diferença tão significativa¹⁰, a interpretação fornecida no modelo original permanece válida.

As primeiras diferenças consideráveis referem-se à adição das novas variáveis. A variável *chef_bolsa_familia : Recebe*, que indica domicílios cujo chefe de família recebe bolsa-família, teve um valor estimado de redução de 89,3% na chance do jovem ser "nem-nem", uma redução de 14,4% na chance de apenas estudar e uma diminuição na chance de apenas trabalhar, em aproximadamente 69,8%. Portanto, a chance do jovem estudar e trabalhar em domicílios cujos chefes de família recebem bolsa-família é maior em comparação com todas as outras categorias.

A interação entre idade e chefes de domicílio que recebem bolsa família teve um valor de 12,8% positivo para a categoria "nem-nem", um aumento de 0,8% para apenas estudar e um aumento de 7% para apenas trabalhar. Isso significa que à medida que esse jovem cujo domicílio recebe bolsa família envelhece, a chance de se tornar "nem-nem" aumenta em aproximadamente 12% em comparação com a categoria de referência, sendo relativamente estável para as outras duas categorias. Essa constatação pode indicar a necessidade de implementar mais incentivos no programa bolsa-família para que os jovens, ao concluírem a fase de escolaridade obrigatória, continuem sua formação educacional.

Para a variável número de filhos no domicílio, a chance de se tornar "nem-nem" é reduzida em aproximadamente 16,8% à medida que esse número aumenta. Para a categoria de só estudar, a chance diminui em 6,2%, e para só trabalhar, a chance é reduzida em 11%. Isso indica que esses jovens que têm mais irmãos no domicílio têm uma maior propensão a trabalhar e estudar simultaneamente, possivelmente motivados pela intenção de contribuir para a renda familiar, conforme mencionado anteriormente.

Já em relação às variáveis que tiveram uma variação significativa devido à adição de novas variáveis, a categoria de PPI para aqueles que só trabalham passou a ter uma chance de 8,7%, em comparação com os 16,8% do modelo original. Essa mudança indica uma redução na probabilidade para essa categoria com a inclusão das novas variáveis.

As mulheres passaram a ter uma maior chance de não estudar e não trabalhar, aumentando de 53% para 65,7%. No quesito "só estuda", a chance também aumentou, passando para 43,5%, em comparação com os 35,4% do modelo original. Já para os cuidados, a chance de não estudar e não trabalhar aumentou de 24% para 35%, e de só trabalhar de 38% para 48%.

Para chefe de domicílio com ensino superior a chance de se jovem ficar sem estudar e trabalhar cai para 50,6%, para categoria de só estudar essa chance reduz para 30,2%, e 51,4% de redução na categoria só trabalhar.

¹⁰ Foi considerada uma diferença significativa para aquelas estimativas que variaram acima de 5%

Tabela 10 – Efeitos Marginais (OR) - Modelo Ajustado

	Não estuda e não trabalha	Só estuda	Só trabalha
idade	1.183	0.734	1.320
chef_bolsa_familia: Recebe	0.107	0.856	0.302
PPI	1.019	0.791	1.087
Mulher	1.657	1.435	0.610
cuidado	1.350	1.030	1.482
anos_ed.chef: Superior	0.494	0.681	0.486
anos_educ5 a 10 anos	0.114	0.644	0.342
anos_educ11 a 14 anos	0.136	0.316	0.462
anos_educ15 ou mais anos	0.029	0.437	0.133
Centro-Oeste	1.292	1.387	1.015
Nordeste	2.065	2.923	1.059
Norte	1.505	2.334	0.967
Sudeste	1.668	1.876	1.315
Rural	1.182	0.792	1.161
renda_pc	0.999	0.999	0.999
n_pessoas	1.120	1.023	1.075
n_filhos	0.832	0.938	0.890
idade*chef_bolsa_familia: Recebe	1.128	1.008	1.076
Referência: estuda e trabalha			

Fonte: Elaboração do autor com base nos dados da PNAD Contínua para o Brasil, 2022.

As categorias relacionadas ao estudo mantêm a mesma lógica, onde quanto mais anos de estudo o jovem possui, menor a probabilidade de se tornar "nem-nem" e maior a probabilidade de estudar e trabalhar. Quanto às regiões, o Nordeste permanece como a mais acentuada, com 2 vezes mais chances de se tornarem "nem-nem" em comparação com a região Sul.

4 Conclusão

O estudo proporcionou uma visão abrangente das principais características dos jovens que se encontram na situação de sem emprego e sem estudar em 2022. Mulheres são mais afetadas por essa condição, apresentando uma probabilidade 65% maior que os homens de se tornarem jovens "nem-nem". A principal causa para as mulheres permanecerem por longos períodos nessa situação é o abandono dos estudos para cuidados familiares e domiciliares, intensificando a chance de se tornarem "nem-nem" em mais 35%.

Outro aspecto marcante é a variação regional, destacando que os jovens nas regiões Norte e Nordeste têm os maiores índices de jovens "nem-nem" para cada mil habitantes. Além disso, os jovens no Nordeste têm uma probabilidade 2 vezes maior de se tornarem "nem-nem" em comparação com a região Sul, que possui a menor proporção. A situação se agrava quando analisamos as áreas rurais, aumentando em cerca de 18,2% essa condição.

Além disso, ao adicionarmos variáveis como o número de filhos e se o chefe de domicílio recebe bolsa-família, observamos que nos domicílios beneficiários do programa há uma menor probabilidade de ter jovens em situação "nem-nem" pelo menos até a fase obrigatória de ensino. No entanto, mesmo para essas famílias beneficiárias do programa, à medida que o jovem envelhece, a chance de ficar sem estudar e sem trabalhar aumenta. Enquanto nos domicílios com um maior número de filhos, a probabilidade do jovem estudar ao mesmo tempo que trabalha aumenta.

A teoria do capital humano complementa essas questões de âmbito conjuntural, examinando os incentivos que levam os jovens a buscar capacitação. No entanto, é importante ressaltar que essas análises não devem ser consideradas determinísticas para a realidade brasileira. A maioria dos jovens não se encontra nessa situação de forma deliberada, mas sim devido a questões estruturais, como desigualdade de renda e oportunidades.

É necessário, portanto, realizar intervenções mais direcionadas por meio do governo, especialmente para que esses jovens, principalmente mulheres, tenham mais chances de sair da situação "nem-nem". Isso se torna uma forma crucial de evitar a continuidade do ciclo de miséria no qual esses jovens estão inseridos. Além disso, para pesquisas futuras que busquem complementar esse tema, é essencial uma análise mais aprofundada das questões de renda, uma vez que a renda per capita não teve um impacto muito significativo no modelo. Além disso, seria valioso examinar essas variáveis com base em faixas etárias, proporcionando uma compreensão mais completa da dinâmica envolvida.

Referências

- AKAIKE, H. Factor analysis and aic. *Psychometrika*, Springer, v. 52, p. 317–332, 1987. Citado na página 38.
- ALCÁZAR, L.; RENDÓN, S.; WACHTENHEIM, E. Working and studying in rural latin america: critical decisions of adolescence. IDB Working Paper, 2002. Citado na página 24.
- BECKER, G. S. Investment in human capital: A theoretical analysis. *Journal of political economy*, The University of Chicago Press, v. 70, n. 5, Part 2, p. 9–49, 1962. Citado 3 vezes nas páginas 12, 13 e 14.
- BECKER, G. S.; TOMES, N. Human capital and the rise and fall of families. *Journal of labor economics*, University of Chicago Press, v. 4, n. 3, Part 2, p. S1–S39, 1986. Citado na página 26.
- BRASIL, G. do. *Programa Bolsa Família*. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2023/03/tem-duvidas-sobre-o-bolsa-familia-confira-perguntas-e-respostas-sobre-o-programa/cartilha_bolsa_familia.pdf>. Citado na página 39.
- CAMPOS LUIZ AUGUSTO; BARBOSA, R. J. . F. J. J. Relatório das desigualdades raciais. *Políticas de ação afirmativa nas universidades públicas brasileiras*, IESP-UERJ, n. 1, p. 1–22, 2022. Citado na página 30.
- CARDOSO, A. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. *Caderno crh*, SciELO Brasil, v. 26, p. 293–314, 2013. Citado na página 10.
- CORREIA, G. da S.; TEIXEIRA, K. H. Juventude nem-nem no brasil: Uma análise para o período 2015-2019. Citado na página 19.
- CORSEUIL C. H.; SANTOS, C. . F. M. Decisões críticas em idades críticas: A escolha dos jovens entre estudo e trabalho no brasil e em outros países da américa latina. *Texto para discussão, IPEA*, IPEA, v. 797, 2001. Citado na página 22.
- COSTA, J. S. da; BECKER, K. L.; PAVÃO, A. R. Influência da renda domiciliar per capita na alocação do tempo dos jovens no brasil. *Revista de Economia*, v. 39, n. 1, 2013. Citado na página 26.
- GONZAGA, G. et al. The effects of and apprenticeship program on labor market outcomes of youths in brazil. In: *MEETING OF THE BRAZILIAN ECONOMETRIC SOCIETY*. [S.l.: s.n.], 2012. v. 34. Citado na página 22.
- JACCOUD, L.; ROCHET, J. a política de assistência social e a juventude: um diálogo sobre a vulnerabilidade social? *Governo Federal*, p. 169, 2009. Citado na página 15.
- LUMLEY, T. Analysis of complex survey samples. *Journal of Statistical Software*, v. 9, n. 1, p. 1–19, 2004. R package version 2.2. Citado na página 32.
- MARLI, M.; BRACCO, A. O que os domicílios contam. *Retratos, IBGE*, N°18, 2019. Citado na página 10.

- MASCHERINI, M. Origins and future of the concept of neets in the european policy agenda. *Youth labor in transition*, Oxford University Press New York, v. 503, p. 529, 2019. Citado na página 15.
- MENDONÇA, T. G. de et al. Determinantes da inserção de mulheres jovens no mercado de trabalho nordestino. *Revista Econômica do Nordeste*, v. 43, n. 4, p. 161–174, 2012. Citado na página 32.
- MONTEIRO, J. Quem são os jovens nem-nem?: uma análise sobre os jovens que não estudam e não participam do mercado de trabalho. 2013. Citado na página 12.
- MURTADHA, N. A. Características dos jovens nem-nem entre os anos de 2001 e 2014. 2021. Citado na página 14.
- PAULINO, D. d. S.; DUTRA-THOMÉ, L.; BENDASSOLLI, P. F. Adulterez e o fenômeno nem-nem: gênero, educação e mercado de trabalho. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, Associação Brasileira de Orientadores Profissionais, v. 22, n. 1, p. 1–15, 2021. Citado na página 22.
- PEREIRA, A. J. da S.; QUEIROZ, S. N. de. Geração que nem estuda nem trabalha no nordeste brasileiro. *Revista Econômica do Nordeste*, v. 1, n. 1, p. 67–86, 2023. Citado na página 25.
- ROCHA, E. et al. Diferentes vulnerabilidades dos jovens que estão sem trabalhar e sem estudar: Como formular políticas públicas? *Novos estudos CEBRAP*, SciELO Brasil, v. 39, p. 545–562, 2021. Citado 4 vezes nas páginas 15, 16, 17 e 20.
- SCHULTZ, T. W. Investment in human capital. *The American economic review*, JSTOR, v. 51, n. 1, p. 1–17, 1961. Citado na página 12.
- TILLMANN, E.; COMIM, F. Os determinantes da decisão entre estudo e trabalho dos jovens no brasil e a geração nem-nem. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2016. Citado 2 vezes nas páginas 10 e 28.
- VASCONCELOS, A. M. et al. Programa bolsa família e geração "nem-nem": Evidências para o brasil. *Revista Brasileira de Economia*, SciELO Brasil, v. 71, p. 233–257, 2017. Citado 2 vezes nas páginas 27 e 34.
- VENABLES, W. N.; RIPLEY, B. D. *Modern Applied Statistics with S*. Fourth. New York: Springer, 2002. ISBN 0-387-95457-0. Disponível em: <<https://www.stats.ox.ac.uk/pub/MASS4/>>. Citado na página 32.
- WALKER, D. A.; SMITH, T. J. Nine pseudo r2 indices for binary logistic regression models. *Journal of Modern Applied Statistical Methods*, v. 15, n. 1, p. 848–854, 2016. Citado na página 32.
- WOOLDRIDGE, J. M. *Econometric analysis of cross section and panel data*. [S.l.]: MIT press, 2010. Citado na página 31.